

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

DANIEL VAZ FREIRE

Cultura e Comunicação em Redes de Cidadania

São Paulo

2014

DANIEL VAZ FREIRE

Dissertação apresentada à Faculdade Cásper Líbero, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação na Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo

2014

Vaz Freire, Daniel

Cultura e Comunicação em Redes de Cidadania / Daniel Vaz Freire.
-- São Paulo, 2014.

89 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação

1. Processos Comunicacionais. 2. Cultura. 3. Redes. 4. Cidadania.
5. América Latina. 6. Ecologia da Comunicação. I. Menezes, José Eugenio
de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em
Comunicação. III. Título.

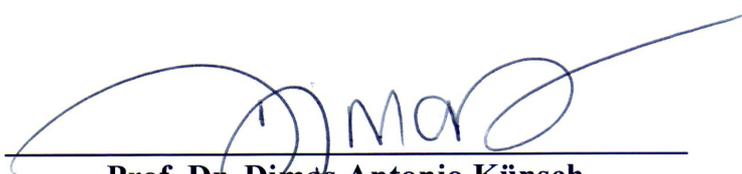
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: DANIEL VAZ FREIRE

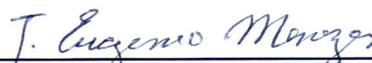
“CULTURA E COMUNICAÇÃO EM REDES DE CIDADANIA”.



Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba - UNISO



Prof. Dr. Dimas Antonio Künsch
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: 27 de março de 2014.

OFEREÇO

Às inúmeras pessoas com as quais eu convivi durante tantos anos
de militância cidadã.

Ao Professor José Eugenio de Oliveira Menezes, por sua sabedoria
compartilhada comigo, mas também por sua forma generosa e
paciente que sempre se portou com esse pesquisador.

DEDICO

Para minha mãe, Angélica Maria Vaz de Carvalho (in memorian).

À Oswaldo Rodrigues de Oliveira, meu tio-pai, exemplo de vida
(in memorian).

Para aqueles que oferecem partes importantes ou a totalidade de
suas vidas à construção do bem comum.

AGRADECIMENTOS

À Faculdade Cásper Líbero, instituição que ofereceu tanto na minha graduação quanto no Mestrado uma formação à altura do seu reconhecimento na sociedade.

Aos meus irmãos Marcelo, Margareth e Mauricio Vaz, pessoas muito importantes na minha formação como indivíduo.

À Josiane Dacol, minha companheira, por estar ao meu lado com tanta convicção e carinho.

À Isabella Rothganger Vaz Freire, minha filha e fonte de alimentação da minha energia para enfrentar os desafios que a vida apresenta.

Aos meus examinadores, Prof. Dr. Dimas Antonio Kunsch e Prof. Dr. Paulo Celso da Silva, pela forma correta e sincera que utilizaram para analisar o esforço intelectual de construção dessa dissertação.

LISTA DE SIGLAS E TERMOS

G20 Grupo formado pelos Ministros de Finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo, mais a União Europeia.

BRICS Acrônimo que se refere aos países membros Brasil, Rússia, Índia, China e África do Su (South Africa), que juntos formam um grupo político de cooperação.

G8 É um grupo internacional que reúne os sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá, mais a Rússia, que não participa de todas as reuniões do grupo.

CLUBE DE PARIS Instituição informal constituída por 19 países, cuja missão é ajudar financeiramente países com dificuldades econômicas.

VAZ FREIRE, Daniel. **Cultura e Comunicação em Redes de Cidadania**. 2014. 89 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo. Faculdade Cásper Líbero, 2014

RESUMO

Esta dissertação analisa a atuação de organizações, movimentos e indivíduos que desenvolvem algum tipo de atuação cidadã na sociedade, em especial na América Latina, através dos aspectos culturais, políticos e comunicacionais. Reflete sobre as consequências da popularização das ferramentas de tecnologia de informação, a identificação das formas de expressão entre os públicos acima nominados, sobre as iniciativas de organizações sociais e indivíduos que desenvolvem na prática o processo de conexão cultural e comunicacional, à luz da reconfiguração do contexto global ocorrida desde a Queda do Muro de Berlim, da atual fragmentação dos blocos de poder e do surgimento de processos participativos e comunicacionais de novo tipo a partir do fim do século XX e o princípio do século XXI. O quadro teórico inclui o estudo de Jesus Martín-Barbero, Harry Pross, Paulo Freire, Milton Santos e a escola latino-americana de estudos culturais e comunicação como ambiente de transformação social. A análise do caso da Rede Opción Latinoamérica e de sua coordenadora atual, Opção Brasil, colabora com a apresentação concreta de uma experiência que representa as ideias apresentadas por essa dissertação. Ao final, apresenta os resultados e conclusões de uma pesquisa realizada, que buscou aprofundar o entendimento sobre o vínculo real das questões levantadas por este trabalho e a atuação de pessoas que participam de redes de cidadania em 9 países da América Latina: Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Nicarágua e México.

Palavras-chave: Processos Comunicacionais. Cultura. Redes. Cidadania. América Latina. Ecologia da Comunicação.

VAZ Freire , Daniel. **Cultura y Comunicación en Redes de Ciudadanía**. 2014 . 89 f. Tesis (Maestría en Comunicación) . Sao Paulo. Cásper Líbero , 2014.

RESUMEN

Esta tesis analiza la actuación de organizaciones , movimientos y personas que desarrollan algún tipo de acción ciudadana en la sociedad, especialmente en América Latina , a través de los aspectos culturales, políticos y de comunicación. Reflexiona sobre las consecuencias de la popularización de las herramientas de tecnología de la información , para identificar las formas de expresión entre el público nominado anteriormente y iniciativas de organizaciones sociales y los individuos que se desarrollan en la práctica el proceso de conexión cultural y comunicacional, a la luz de la reconfiguración el contexto global que se ha producido desde la caída del Muro de Berlín, la actual fragmentación de los bloques de poder y el surgimiento de procesos de participación y de comunicación del nuevo tipo de finales del siglo XX y principios del siglo XXI. El marco teórico incluye los estudios de Jesús Martín- Barbero Harry Pross, Paulo Freire, Milton Santos y la escuela latinoamericana de los estudios culturales y la comunicación como un medio de transformación social. El análisis del caso de la Red Opción Latinoamérica y su actual coordinadora, Opção Brasil, colabora con la presentación específica de una experiencia que representa las ideas presentadas en esta tesis. Por último, se presentan los resultados y conclusiones de una encuesta realizada a las personas, que busca entender cuál es la verdadera relación de las cuestiones planteadas por este trabajo con la actuación de personas que participan de redes de la ciudadanía en 9 países de América Latina: Brasil, Uruguay, Argentina, Chile, Bolivia, Colombia, Venezuela, Nicaragua e México.

Palabras clave: Procesos Comunicativos. Cultura. Redes. Ciudadanía . América Latina. Ecología de la Comunicación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL	
1.1 A Guerra Fria e o “fim” das ideologias	15
1.2 Do mundo bipolar ao multipolar	16
1.3 O fenômeno estudado	18
2. AS REDES DE CIDADANIA	
2.1 Conceitos de cidadania e o seu exercício	21
2.2 Referências históricas sobre os processos de participação	22
2.3 A relação entre cidadania e ideologia	24
2.4 O contexto global	28
3. A PARTICIPAÇÃO SOCIAL COMO UM PROCESSO COMUNICATIVO	
3.1 A prática das interações humanas	31
3.2 Parâmetros para a interação participativa	34
3.3 O indivíduo no processo comunicativo	36
3.4 A comunicação e sua importância para as redes de cidadania	38
4. A REDE OPCIÓN LATINOAMÉRICA E A OPÇÃO BRASIL	40
5.PESQUISA COM LÍDERES DE REDES DE CIDADANIA: INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	46
5,1 Análise dos dados consolidados	49
5.2 Apontamentos finais sobre a pesquisa	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	
Anexo 1. Gráficos da pesquisa com líderes de redes de cidadania	63
Anexo 2. Fotografias da Rede Opción Latinoamérica e da Opção Brasil	82

INTRODUÇÃO

O assunto estudado, Cultura e Comunicação em Redes de Cidadania, com foco na América Latina, é orientado no contexto da linha de pesquisa Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado, do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero.

O interesse da sociedade pelo assunto vem crescendo, ambientado pelo atual momento político, social e econômico global. A partir da exploração dos temas norteadores da linha de pesquisa, buscarei desenvolver as questões decorrentes da popularização das ferramentas de tecnologia de informação e a multipolaridade gerada pelo diálogo transversal entre as organismos internacionais, blocos econômicos e políticos, organizações da sociedade civil, empresas, governos nacionais e locais e os movimentos sociais.

O período histórico analisado em particular é o compreendido entre a segunda metade da década de 1980 até a atualidade, focando no público "pós-geração Muro de Berlim" como *sujeitos da história*, entendendo de maneira mais aprofundada seu processo particular de participação social e construção de vínculos.

As questões-chave levantadas ajudam a analisar o processo de integração regional e como ele pode apoiar a reunião de elementos que identifiquem nesse território características comuns, como o protagonismo que passa a ser exercido por organizações, indivíduos e movimentos sociais, proveniente da fragmentação dos blocos geopolíticos de poder que se configuraram a partir do período posterior a 2ª Guerra Mundial, observando as oportunidades de diálogo e o fortalecimento de redes de cidadania que interferem de maneira relevante nos rumos da sociedade no século XXI.

São objetivos desta dissertação a busca de um entendimento mais aprofundado sobre as redes de cidadania como pontos focais que aparentemente vem reconfigurando o exercício da participação social no século XXI; a conexão entre o universo comunicativo e o cenário geopolítico gerado a partir da queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, as mais recentes formas de participação exercidas por indivíduos, movimentos e organizações e o estabelecimento de conceitos sobre o que é desenvolvido pela Rede Opción Latinoamérica e pela Opção Brasil, espaços de trabalho estudados nesta pesquisa

É notório o papel cada vez mais protagonista exercido por movimentos, organizações e agrupamentos informais nos espaços de participação social constituídos. O impacto gerado por esse aumento de influência real estimula a consolidação de um número cada vez maior de iniciativas cidadãs, postas como alternativas de representação e atuação em torno de causas e ideias da sociedade, em um momento de certa desilusão com a política como modelo de participação e convivência social.

Uma hipótese a ser abordada é que esse processo de consolidação de alternativas mais diversas de participação social tende a se consolidar como uma forma concreta de participação

cidadã e defesa de causas de interesse da sociedade. Não existe, porém, qualquer intenção de desqualificar ou diminuir a importância das formas tradicionais de organização, como os partidos políticos, e a representação exercida por eles na busca por avanços na condição de vida humana. Será buscado um entendimento que coloque em sintonia esses 2 modelos, que apesar de serem apresentados como antagônicos, não parecem atuar em campos opostos. A conjectura mais provável é que continue havendo iniciativas de aproximação entre essas organizações de diferentes perfis, complementares, com a existência de uma nova divisão da prerrogativa de representação estabelecida anteriormente.

Outra hipótese que aprofundaremos no decorrer dessa dissertação é a maior influência que os fatores comportamentais individuais começam a possuir na ação cotidiana dos ativistas políticos. Existe atualmente uma valorização maior pelos indivíduos de bons exemplos e práticas desenvolvidas por pessoas que estão mais próximas entre si pelos objetivos e ações desenvolvidas no cotidiano? Os líderes de perfil carismático, extremamente populares e relativamente distantes de suas bases, estão dando espaço a pessoas de maior capacidade de gestão administrativa e facilidade de promover diálogos horizontais?

Por conta da recente ocorrência de alguns fenômenos, como o da reconfiguração de ferramentas de ação direta e a possível institucionalização em médio prazo desses movimentos e organizações de novo perfil em espaços formais de exercício de cidadania e de disputa política, vem surgindo outras formas de representação e participação política, como a possibilidade de que movimentos sociais possam lançar candidatos que os representem, sem necessariamente estarem vinculados a algum partido, bastando reunir uma determinada quantidade de assinaturas para referendar esse tipo de iniciativa, algo já existente em alguns países, como a Colômbia.

Importante também será a análise das possibilidades geradas pelo avanço acelerado das tecnologias de informação e comunicação para o exercício da cidadania como direito e dever. Ser cidadão, na visão deste pesquisador, é participar de maneira responsável, crítica quando necessário, mas colaborativa e construtiva na definição dos rumos que a sociedade toma em seu curso.

É necessário reconhecermos que a juventude segue como um motor de grandes transformações positivas vividas pela humanidade. A energia criativa e colaborativa que jovens desse atual momento histórico disponibilizam para exigir mais liberdade, democracia, justiça social, condições dignas de vida, redistribuição de riquezas, e outras causas tão nobres quanto essas, são o objeto de trabalho de inúmeras redes de cidadania espalhadas pelo mundo, e geram transformações positivas a cada vez que atuam de maneira coordenada em busca de afirmar que um *outro mundo é possível*.

Através da leitura da bibliografia indicada pela linha de pesquisa e pelos interesses

particulares do mestrando, foram sendo construídos elos entre os conteúdos das disciplinas cursadas e o objeto de estudo, concluído com a realização de uma pesquisa com 176 pessoas, sendo 121 brasileiros e 54 provenientes de nove países da América Latina, onde a análise dos dados coletados proporcionou o entendimento a respeito desse ambiente comunicativo em que atuam as redes de cidadania, contribuindo na obtenção de respostas para as seguintes questões:

- 1- Por quais caminhos estão sendo construídos o exercício da cidadania para este tempo presente?
- 2- Como o processo comunicativo pode apoiar a criação de diálogo sobre alternativas de vida para a humanidade, mesmo com opiniões que apontam esse debate como conceitualmente ultrapassado?
- 3 - Qual é o nível de vínculos existentes de identidade latino-americana? Existe uma cultura de comunicação e relacionamentos integrada surgindo neste século na América Latina?
- 4- Qual a importância das ferramentas tecnológicas e sociais de comunicação como instrumentos de construção de iniciativas cidadãs e redes de cidadania?

CAPÍTULO 1:
UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL

1.1. A Guerra Fria e o “fim” das ideologias

Este estudo tem como um marco temporal o fato histórico ocorrido em 9 de novembro de 1989, simbolicamente fundamental para a forma com que nos comunicamos e participamos da vida da sociedade na atualidade. Neste dia, abriram-se as fronteiras que separavam a cidade de Berlim, na Alemanha, em duas partes, ocidental e oriental. Fruto do acordo realizado entre as forças principais ganhadoras da 2ª Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética, um muro demarcava visivelmente o espaço de campos ideológicos opostos, que buscavam aglutinar forças para seus projetos hegemônicos, representados por blocos políticos e econômicos bem delimitados, identificados com a aplicação do capitalismo e do socialismo como doutrinas.

O Muro de Berlim significou, por 28 anos, essa divisão do mundo, orientada pelas duas chamadas *superpotências*. A Guerra Fria foi produzida por elas como reflexo da disputa pelo poder por dois pólos globais, que demonstravam o seu poder em competições esportivas, associações militares e ambientes educacionais, políticas, culturais, e comunicacionais. Os diálogos, informações e construção de vínculos se orientavam majoritariamente por esses campos.

A queda do Muro foi traduzida, sem a necessária espera do amadurecimento das consequências históricas do fato, como o suposto fracasso da experiência socialista, havendo o coroamento de um lado vencedor, de um estilo de vida e modelo de sociedade vitoriosos. No entanto, o aprofundamento da abrangência de atuação da potência vencedora, os Estados Unidos, acelerou o surgimento de efeitos colaterais deste domínio político, econômico e militar unipolar, desequilibrado, pelo exercício de um poder central no mundo centrado em um país.

Houve também, a partir desse período, a abertura de novas formas de interação humana proporcionadas pelo avanço do uso das tecnologias de informação e comunicação, que contribuíram para aumentar as o surgimento de redes de articulação destinadas a diversos temas e objetivos, reunindo pessoas não apenas restritas em um espaço territorial, reconfigurando assim as formas de exercício de cidadania, trazendo uma diversidade de ideias a respeito de temas, específicos, particulares ou globais, vinculados ou não às ideologias tradicionais e seus modelos de sociedade instituídos.

Boaventura de Sousa Santos (2004) definiu este fenômeno como a transferência da organização da sociedade e dos indivíduos de questões políticas centrais para a temas ligados a emancipação pessoal, social e cultural. Os conflitos se deslocaram do sistema econômico-industrial até o âmbito cultural, estão centrados na identidade pessoal, o tempo e espaço da vida, a motivação e os códigos de atuação cotidiana .

A fragmentação das causas a serem defendidas também ofereceu maior destaque a

movimentos que passaram a articular-se com uma outra velocidade, conseguindo dessa maneira interferir nas pautas globais. Iniciativas como a de realização do 1º Fórum Social Mundial, na cidade de Porto Alegre no ano de 2001, as passeatas em diversas cidades do mundo das pessoas contrárias a intervenção militar dos Estados Unidos no Iraque e as manifestações contrárias a globalização ocorridas em Seattle, Oakland, Gênova e outras cidades do mundo, ocorridas na década passada, podem servir como referências sobre o surgimento deste novo momento histórico, apresentando uma multipolaridade na governança global, exercida não apenas por governos e corporações empresariais, mas também pelo que definimos como objeto central deste trabalho, as *redes de cidadania*.

1.2 Do mundo bipolar ao multipolar

A perspectiva do *império sem sombra*, sem concorrência, termo definido pelo historiador Eric Hobsbawm como referência a situação vivida pelos Estados Unidos depois do debacle da União Soviética. Sem concorrência, os Estados Unidos e os mercados aproveitaram para implantar um capitalismo de livre mercado completamente incontrolável, um *ultracapitalismo* (2002).

O desgaste gerado pelo exercício unipolar de poder se aprofundaram com a crise econômica vivida pelos Estados Unidos e Europa a partir de 2008. O momento de dificuldade econômica vivida contribuiu para o fortalecimento de novos blocos de poder globais como o G20 e os BRICS, diminuindo a importância de outros espaços como o G7 e o Clube de Paris. Houve também um aprofundamento da atuação de setores sociais organizados e/ou conectados, contrários ao modelo de globalização defendido por esses atores que se encontravam em dificuldades..

Uma série de iniciativas surgidas desse novo cenário podem contribuir para o entendimento dessa reconfiguração recente do cenário global. Durante a crise econômica iniciada em 2008, por exemplo, uma bandeira defendida pela organização ATTAC, a instituição de um imposto sobre movimentações financeiras internacionais (o chamado "Imposto Tobin"), foi apresentada como uma das medidas necessárias para a recuperação de economias que estavam vivendo piores dias desde a quebra da bolsa de valores de Nova York no ano de 1929. O movimento *Occupy Wall Street*, iniciado no coração do capitalismo mundial e logo após difundido para outras partes deste país e do mundo contribuiu para a consolidação de novos canais comunicativos vinculados a difusão de ideias e busca de participação social e poder político. Apesar da dispersão de formas de ação e temas tratados, iniciativas como essas começaram a interferir de maneira mais ativa e contundente no aparecimento de um novo cenário de forças, notadamente *multipolar*.

A queda do Muro de Berlim contribuiu então para o entendimento do significado das novas

formas para o exercício da cidadania no século XXI, após um período em que ocorreram conflitos como a desintegração de Estados-Nação, o surgimento de movimentos nacionalistas, a diminuição do poder estatal e aumento da xenofobia em várias partes do mundo.

Ocorreu a fragmentação do *discurso do universo* em muitos *universos de discursos*, utilizados de acordo com os interesses de quem os promove e a audiência da mensagem expressa, e disponível a outras formas de interferência, não mais apenas praticadas por pessoas organizadas em partidos políticos, sindicatos, associações estudantis, religiosas, profissionais, de classe, com perfis de funcionamento tradicional.

A disposição desta atuação social mais fragmentada trouxe outra mudança nas formas de representação, participação pessoal e exercício da cidadania. O papel do líder como alguém que está hierarquicamente acima dos seus liderados, vem se transformando. Os protestos são organizados não apenas por movimentos organizados, passaram a existir também por causas ou interesses compartilhados em redes conectadas, sem necessariamente contarem com uma estrutura central de coordenação.

As possibilidades mais abrangentes para a construção do discurso e a prática das redes de cidadania, que conectam pessoas e as organizam em causas a serem defendidas, facilitaram a articulação colaborativa, complementar, horizontal e temática das pessoas.

As redes brasileiras foram pioneiras, ao organizarem o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no ano de 2001. A iniciativa propunha *um outro mundo possível* como lema, construído, em tese, a partir da busca de caminhos de evolução da humanidade vinculados a valores "plurais e diversificados, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo" (Carta de Princípios do Fórum Social Mundial , 2001).

Foi possível, a partir desse momento, visibilizar que novas formas de comunicação e relacionamento seriam possíveis realmente, entendendo o princípio do trabalho em rede entre organizações de perfis, missões e objetivos diversos, mas que poderiam se unificar a partir de pontos comuns, ou seja, a ideia de que um relacionamento pode começar a ser construído através daquilo que aproxima e identifica as partes.

As redes sociais, conceituadas por Fritjof Capra (2001) como *redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder*, passam a funcionar como compartilhadoras de idéias entre pessoas que possuem interesses, objetivos em comum e valores a serem compartilhados, passaram a disputar o espaço de discurso na sociedade através de formas cada vez mais diversas e adequadas da construção de ações diretas de

diálogo/protesto/manifestação sobre as questões defendidas. Este formato permitiu ampliar as possibilidades de participação social, sem depender da presença de pessoas ou definição de grandes marcos gerais como referências para tais ações.

1.3 O fenômeno estudado

O conceito de *redes de cidadania* construído por esta dissertação, vai dialogar com o trabalho desenvolvido por organizações e agrupamentos sociais, que atuam de maneira distinta ao esquema tradicional aplicado em organizações estudantis, sindicais e partidos políticos. Foram escolhidas como objetos estudados a Rede Opción Latinoamérica e a sua correspondente em nosso país, a Opção Brasil. Esta iniciativa surgiu em 1991, através de um grupo de estudantes da Universidad de los Andes, que começou configurar um espaço de debate defensor de uma nova forma de participação social referenciada pelo surgimento da organização Opción Colombia. A partir de 1998, com o apoio inicial da OEA – Organização dos Estados Americanos, essa proposta foi levada a outros países, construindo a Rede Opción Latinoamérica, que funcionava em aliança com instituições de ensino superior locais, ofertantes de suporte logístico para o desenvolvimento de práticas de extensão do ensino superior em comunidades do Chile, Bolívia, Equador, México, Nicarágua e Venezuela.

Durante o 1º Fórum Social Mundial, realizado em 2001 na cidade de Porto Alegre, estudantes universitários, participantes até aquele momento do movimento estudantil brasileiro, tiveram contato com as idéias e os trabalhos desenvolvidos pela rede. Em novembro do mesmo ano, fundaram na região do ABC Paulista a Opção Brasil.

A Opción Latinoamérica é uma experiência construída no contexto regional, de envolvimento de jovens, no desenvolvimento de ações de cidadania, presente atualmente em cinco países – Brasil, Colômbia, México, Nicarágua e Venezuela .

O objeto de trabalho principal desta rede é o *conhecimento*, tanto aquele adquirido pelos estudos realizados na universidade quanto o saber tradicional, sendo uma ferramenta de comunicação, relacionamento e diminuição de desigualdades. A ideia desenvolvida pela OLA - Opción Latinoamérica é, através dos projetos desenvolvidos, interrelacionar jovens e o que adquiriram nos bancos de escola com experiências práticas que apóiem a construção de uma visão de que a participação individual pode contribuir para a transformação da realidade de pobreza vivida em muitas partes da América Latina. O interesse principal da organização é que os(as) *opcionistas* (como são chamados pela rede os seus voluntários) ao terem contato com os problemas sócio-econômicos e culturais, desenvolvam naturalmente a vontade de atuar na vida de seu país,

seja através de uma associação profissional, do terceiro setor, de um partido político ou de outras alternativas; que escolham o seu caminho de participação de acordo com seus projetos de vida.

CAPÍTULO 2:
AS REDES DE CIDADANIA

2.1 Conceitos de cidadania e o seu exercício

O termo cidadão encontra-se bastante presente ao dia-a-dia das pessoas. O universo comunicativo nomeia e qualifica esta expressão com vitalidade e vínculo expressivos, A cidadania é bastante propagada como sinônimo de uma atitude positiva frente ao seu ambiente. Essa naturalidade ao tratar do tema, define automaticamente o indivíduo como cidadão, apesar do sentido de viver em sociedade não ser natural, o mesmo aparece com a construção dialógica acumulada pelo desenvolvimento civilizacional da humanidade. Milton Santos define a cidadania plena como um dique contra o capital pleno (2011:49). Seu entendimento pelo senso comum e suas formas de exercício estão em disputa constante pelos segmentos interessados em interferir nos rumos da sociedade

Podemos dizer que nascemos com predisposição para a sociabilidade. Vem da parte da nossa interação social o sentido de pertencimento a algum lugar, e o desenvolvimento de vínculos culturais que permitam nos identificar com as ideias, atitudes, visão e valores de um determinado ambiente. É necessário apontar que não há um sentido único para alguém compreender a realidade e reconhecer as intenções subjetivas dos indivíduos com as quais compartilha esse mundo.

A socialidade constrói a trama das relações cotidianas que incentivam os indivíduos a juntar-se no qual se ancoram os processos de constituição dos sujeito e de suas identidades. É justamente o tema da socialidade e a referida trama das relações cotidianas, as que constroem a sociedade e a cidadania, respectivamente, ambiente e possibilidade de atitude frente a um espaço de participação.

Max Weber diz que a complexificação social é decorrente de vários acontecimentos posteriores a Revolução Industrial, tais como o êxodo rural e o desemprego, devido a procura de mão de obra mais qualificada, além do surgimento do capitalismo. Este fato histórico construiu um ponto de reflexão, colocando foco em um modelo de sociedade mais complexo, particularmente pela transformação do sistema de produção e acumulação de riqueza, da sociedade agrícola/extrativista para a industrial e o surgimento de relações humanas construídas por formas distintas das familiares e de subserviência estabelecidos por doutrinas sociais anteriores.

A conjuntura histórica possibilitou o estabelecimento do capitalismo industrial e, por consequência, seus ideais de organização da sociedade, de comportamento humano individual e em grupo. Este fato é importante para compreendermos que não existe relação social que não se inscreva em um certo contexto institucional estabelecido, e este contexto não é somente um marco onde a interação tem lugar, mas um ambiente que aporta para as relações humanas códigos, representações, normas, ritos e rituais que orientam o seu modo de viver e entender o mundo. A evolução dos conceitos de cidadania e das formas de interação social acompanharam a história da

humanidade, ancoradas claramente nos modelos político-econômico vigentes.

O ambiente ao redor do processo motivador da Revolução Industrial também ofereceu condições para o surgimento de estruturas de interação social e exercício da cidadania bastante relacionadas com a condição de classe dos atores sociais, influenciadas pela relação capital-trabalho. A organização dos trabalhadores trazia em seu desenvolvimento as contradições surgidas dentro de um processo complexo de debate e tomada de posição, e já integrada ao sistema capitalista.

Para Martín-Barbero:

a globalização redefine as relações entre centro e periferia: o que a globalização nomeia não são movimentos de invasão, mas transformações que se produzem desde o nacional e ainda no local. É dentro de cada país que economia e cultura se mundializam. O que está agora em jogo é uma maior difusão dos produtos e a rearticulação das relações entre países mediante uma descentralização que concentra poder econômico e uma deslocalização que faz com que as culturas sejam híbridas (2003: 353).

Milton Santos, afirma que:

no mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E também uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. O território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade (2011:63).

Recorrendo novamente a Barbero, o mesmo questiona: como reconstruir sociedades civis que reencontrem sentido nos interesses coletivos e formas de cidadania que não se esgotem no consumo? (2003:239). A disputa pela hegemonia global promovida entre Estados Unidos e União Soviética levou à eleição, informal, mas decididamente mais relevante do que o modelo apresentado pelos soviéticos, de uma forma de valorização extremada do consumo e do esforço pessoal como elementos fundamentais para o alcance e demonstração social de êxito individual.

Por esse caminho, algumas formas de participação e exercício da cidadania constituídas a partir do fim da Guerra Fria e a simbólica queda do Muro de Berlim, valorizavam o incentivo à participação individual, sem a necessidade de vincular-se a uma organização ou juntar-se a um grupo de pessoas. “Fazer a sua parte” era uma atitude antagônica, e não complementar, ao esforço de participação desenvolvido por sindicatos, organizações estudantis, movimentos de luta por terra e moradia, todos com um papel bastante relevante durante o século XX.

2.2. Referências históricas sobre os processos de participação

Ao longo do tempo, as sociedades foram estabelecendo e fortalecendo vínculos por meio das

práticas sociais que interferiram em seus destinos. Essas são formas de comunicação que foram sendo aprimoradas segundo a perspectiva de desenvolvimento vinculada a cada período histórico vivido, de acordo com as condições possíveis em cada época.

No século XIX, após a Revolução Industrial, surgiu um processo mais complexo de organização social, não mais vinculados aos senhores feudais e nobres de outros tempos, mas gerado pela convivência em um mesmo local de trabalho. As ações de participação social nesse período estiveram orientadas a lutar contra as longas jornadas de trabalho, os baixos salários e a impossibilidade do acesso aos bens de consumo produzidos por aqueles que em sua maioria não tinham acesso a eles.

Sobre o século XX, Martín Barbero opina que:

Os detentores do poder econômico ampliaram seu poderio, chegando a impor sua linguagem como a linguagem dos meios, controlaram a propriedade e buscaram o monopólio econômico dos meios sofisticadas e das mais penetrantes formas de comunicação, através das quais a dominação deixaria de ser sofrida como uma opressão para ser sentida como uma aliança que converte dominador em libertador (Martín-Barbero. 2003:52) .

Durante a Guerra Fria, houve uma utilização dos meios de comunicação como armas que organizavam a propaganda ideológica a favor ou contra os dois blocos geopolíticos, influenciando a forma de participação das pessoas. Em paralelo a esta polarização, surgiram formas de expressão que lutavam pela mudança no estado das coisas, de formas distintas às que eram oferecidas por Estados Unidos e União Soviética, como os movimentos feministas, de combate ao racismo, anti-colonialistas, de combate a ditaduras e estudantis, como o *Maião de 1968*, ocorrido na França.

Depois da queda do Muro de Berlim, junto com o incentivo às ações individuais já relatadas, outras formas de relacionamento político e reivindicação social surgiram. Na América Latina, centradas na atuação dos movimentos sociais, se articularam com questões de identidade cultural. São válidas de registro os movimentos indígenas na Bolívia e México, os de trabalhadores rurais sem-terra e sem emprego de Brasil e Argentina, e as iniciativas de construção de diálogo e vínculos sociais e comunicativos que desembocaram na realização do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no ano de 2001.

No século XXI, surgem novos padrões de comportamento no trato das relações sociais que, influenciadas em grande parte pelas novas tecnologias de informação e comunicação e a popularização da internet, colaborando com a interação social entre as pessoas. Esse cenário destacado oferece um novo lugar da cultura na sociedade, quando a mediação tecnológica deixa de ser puramente instrumental para aprofundar-se, densificar-se e converter-se em estrutural. Esse

processo afeta principalmente os jovens, que desenvolvem com mais fluência o manejo das novas tecnologias de informação e comunicação.

2.3 A relação entre cidadania e ideologia

Algumas palavras como democracia, liberdade e compromisso parecem que, quando são utilizadas, não necessitam de maiores explicações. Seus significados possuem grande importância porque interferem no entendimento sobre o papel do indivíduo na sociedade, e se relacionam com o exercício da cidadania como instrumento de construção de justiça, equidade e liberdade de fato às pessoas. O processo de evolução humana está vinculado a forma como a História é vivenciada e decodificada no cotidiano. Por esse motivo é que iremos aprofundar os dois conceitos apresentados no subtítulo.

Existe um entendimento quase que imediato que ser cidadão é o mesmo que ser um indivíduo, uma pessoa, parece que são sinônimos. A cidadania, porém, é um status que dá ou retira uma condição de participante ativo na construção real da democracia, justiça e outros conceitos fundamentais para a vida em sociedade. Não é um termo formal ou legal, é determinado pelo seu exercício. Promove, ou pode promover, a visão de futuro, a utopia. Contribui com a forma que percebemos o mundo, dinamiza e motiva a construção da vida em sociedade. Essa construção ocorre de forma variável, porque depende dos referenciais seguidos pelo indivíduo exercente da cidadania.

Para praticarmos a cidadania, recorreremos à ideologia e a utilizamos como matéria-prima da informação, aquilo que pode levar dois irmãos gêmeos, por exemplo, criados absolutamente da mesma forma, a terem visões completamente diferentes sobre uma mesma informação recebida. A ideologia, portanto, não é algo neutro ou um conceito universal, porque sua interpretação depende de um imaginário, das referências individuais e o exercício cognitivo da construção do pensamento para a execução de uma ação.

O imaginário simbólico aonde vive um indivíduo não é um ambiente habitado apenas pelas ideias filosóficas sobre cidadania e ideologia, também é influenciado pela nossa vida cotidiana e desejos, necessidades, angústias etc. Esse é o fator de motivação para uma série de ações humanas, entre elas aquelas vinculadas ao consumo. As pessoas estão envoltas numa esfera de ideologias e que isso se manifesta claramente na sociedade, sempre suscetível às influências ideológicas dos setores que detêm os poderes políticos e econômicos.

Como exemplo complementar ao que é expresso no parágrafo anterior, recorreremos ao período da Revolução Francesa. A sociedade naquele momento histórico, constituída basicamente

pela classe média (a dominante burguesia), acreditava ter superado as diferenças sociais ao adquirir itens destinados à elite abastada. O consumo atualmente oferece essa ideia, se apresenta como o condutor de sensações e prazeres presentes nos ideários individuais e coletivos, influenciando as atitudes, a construção de projetos e objetivos de vida. Karl Marx afirma que a ideologia é a forma que a classe dominante ou minoria abastada (elite) encontra como instrumento de dominação sobre a maioria empobrecida (classe dominada).

A ideologia é um conceito constitutivo da vida social que é sustentado, reproduzido, contestado e transformado através de ações e interações, as quais incluem a troca contínua de formas simbólicas. Essas formas simbólicas podem ser reunidas em um *sistema de cultura*, organizado por Clifford Geertz em 5 padrões: o religioso, filosófico, estético, científico e ideológico.

Apesar do nosso esforço de simplificar o entendimento deste conceito, a ideologia é algo que não está identificado como parte do cotidiano das pessoas, não é um conceito que as pessoas dedicam tempo para refletir sobre ela durante o dia a dia. Bakhtin (1992) indica a existência de uma ideologia do cotidiano, que seria a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida comum, assim como a expressão que a ela se liga. Os sistemas ideológicos derivados da moral, da ciência, da arte e da religião são consolidados na ideologia do cotidiano, que por sua vez, vai se transformando conforme a direção das forças sociais existentes em cada época e exercida em nossa vida com naturalidade.

Para Bourdieu (2000), as ideologias são produtos da coletividade. Uma pequena parcela da coletividade, muitas vezes uma minoria privilegiada, apropria-se das ideologias, atendendo a interesses particulares fazendo com que o restante da sociedade pense que se trata de interesses universais, comuns a todos.

Traçando um paralelo entre a cidadania e a ideologia, podemos dizer que a primeira seria uma atitude individual, integrada a um processo mais geral, organizado ou não, vinculada a alguma ideia de alcançar um benefício ao bem comum. A ideologia é a justificação cognitiva para a execução de ações por aqueles que assumem o seu papel cidadão, agindo em nome de algo maior e interferindo no curso da história. O cidadão, a cidadã, são pessoas que se envolvem em questões que, mesmo possuindo alguma relação com o ambiente privado, apresentam aspectos que vinculam a sua resolução ou alcance ao coletivo.

De acordo com a ideologia de cada indivíduo, seu envolvimento concreto será realizado de uma determinada forma. As pessoas que se preocupam com a questão ambiental, por exemplo, podem ter uma atitude cidadã que vai desde a doação de dinheiro para uma organização não-governamental que atua no Oceano Ártico cuidando de baleias, reciclando os resíduos que produz

em casa ou no trabalho, até decidir viver em uma comunidade ribeirinha afetada pelo aquecimento global. Entendendo que esses 3 exemplos de ações poderiam estar vinculadas a pessoas com características econômicas, sociais e familiares similares. A ideologia, neste caso, é a forma com que cada um percebe essa problemática e o seu envolvimento individual; é o elemento que decide qual deve ser a atitude a ser tomada.

O processo social, básico para o exercício da cidadania, se sustenta em onze instituições: família, governo, instituições econômicas, defesa, educação, maneiras e etiquetas, diversão, saúde e bem estar, religião, arte, ciência e tecnologia. Sobre os temas tratados por elas, giram as possibilidades de criação de vínculos, desenvolvimento de ações mobilizadoras. As organizações se configuram dessa forma como amplificadores de demandas conectadas a estes assuntos.

As organizações e os movimentos são os espaços que servem como representantes daqueles que desejam se expressar, e podemos perceber características comuns à maioria deles:

- Certa continuidade temporal, que o distingue dos meros episódios coletivos como correntes de opinião mais ou menos frouxas ou fenômenos como o protesto espontâneo;
- Um alto nível de integração simbólica, manifestado em seu sentimento de pertencimento a um grupo por parte dos integrantes do movimento, expresso em sua vestimenta, formas de trato pessoal, símbolos políticos, traços linguísticos etc;
- São fenômenos sociopolíticos, que operam em contextos duros, de poder político e cultural que se manifestam em instituições estabelecidas e culturas de elevada inércia;
- Um baixo grau de especificação de temas, comparado com as organizações formais, já que suas formas de participação são múltiplas e cambiantes, e não existe algo como uma militância formal;
- Tem formas não convencionais de ação individual e coletiva, já que surgem precisamente ante a incapacidade do sistema social estabelecido para oferecer respostas aos problemas em torno dos quais se articulam os movimentos;
- Ao menos em sua fase inicial, os movimento sociais parecem estar impulsionado por grupos de indivíduos sócio-estruturalmente definidos, em classes sociais ou segmentos dessas classes, minorias étnicas ou comunidades linguísticas, entre outros, ainda que sempre tentem mobilizar círculos sociais mais amplos. (Uribe R. Hernán. In: Pereira González, José Miguel. Bringe, Amparo C. 2011: 138)

A partir do momento histórico escolhido para o nosso estudo, a queda do Muro de Berlim, surgiram e se fortaleceram novas formas de participação social e exercício da cidadania que não se encaixam completamente neste perfil, que seguem ainda o formato organizativo influenciado pelo

período posterior a Revolução Industrial, mas que incorporam tendências e oportunidades vinculadas a este período histórico. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2004), os Novos Movimentos Sociais lutam pela emancipação não-política, ela é principalmente pessoal, social e cultural. Os conflitos se deslocam do sistema econômico-industrial para o âmbito cultural, se centram na identidade pessoal, o tempo e espaço de vida, a motivação e os códigos de atuar cotidianos.

Parece ser uma diferença principal entre o que era tratado pelos movimentos sociais tradicionais e os de novo perfil a questão comportamental. A luta pelas causas individuais tomaram corpo, exigindo que as mesmas sejam visualizadas não apenas pela ótica da política, mas pela visão do que seria ou não uma atitude correta frente a um determinado tema. A questão da sexualidade, por exemplo, não teria avançado da forma que ocorreu desde os anos de 1990 se não houvesse a institucionalização dessa causa defendida por um determinado setor da sociedade. A questão do meio-ambiente também nos serve como exemplo. Se dependêssemos apenas dos governos e instituições para o tratamento desse tema, talvez estivéssemos com uma situação climática até pior do que nos afeta atualmente.

Os movimentos e organizações como partidos políticos, sindicatos de trabalhadores, entidades estudantis, associações comunitárias, utilizam como palavras de ordem a reivindicação, a luta política, a mobilização, o protesto etc (Pross, 1997). Apesar destas continuarem sendo formas bastante válidas e atuais de interação social, consolidam-se outros mecanismos, muitos acessíveis pela internet, baseados em uma visão sobre o comportamento do indivíduo, territorialmente mais amplos.

A sociedade organizada era visível e se mobilizava reunida em algum espaço público. Atualmente, compete com outras formas de interação menos institucionalizadas. As questões referentes a cultura, ideologia e consumo somam-se para compor a abordagem da cidadania neste tempo presente.

Atualmente existe um entendimento de que as tecnologias de comunicação fazem parte de um modelo social, apoiando a construção de uma nova ordem da informação e comunicação no mundo. Devemos reconhecer, mesmo no caso de discordarmos de tal posicionamento, que cresce a quantidade de pessoas que se interessa em exercitar a cidadania como *nó* de uma imensa teia global, exercendo a participação apenas virtualmente, sem necessariamente organizar-se ou representar alguma instituição. A liderança pela referência positiva ou pelo exemplo, aparece como elemento bastante importante nas manifestações sociais deste tipo.

2.4 O Contexto global

Segundo Martín-Barbero, ainda não contamos com códigos interpretativos para aprender as vertiginosas transformações em curso, muito distante da racionalidade tradicional e sua compartimentação natural: instrumental, economicista, pragmática, universal etc. Passamos do *discurso do universo ao universo do discurso*, mais fragmentado e diverso. A variedade contra a uniformidade, presente e valorizada como diferencial deste tempo. Observamos o surgimento de uma *socialidade de rede*, feita de nós que seriam as novas tribos, em consonância com as novas grupidades que particularmente as gerações jovens vivem normalmente.

Esse panorama interfere claramente na definição do conceito de cidadania, antagonicamente mais fragmentado e mais global, planetário; às vezes mais vulgar, simultaneamente a condição de ser mais inclusivo. O conceito de cidadania hoje está associado ao reconhecimento recíproco, ao direito de ser visto e ouvido. Os novos movimentos desejam serem reconhecidos, não apenas representados, mas visíveis socialmente em suas diferenças.

Nestes movimentos contemporâneos é incomum identificar-se pessoas interessadas na tomada do poder. Para eles, a visibilização se converte em nova estratégia política, que pode promover a transformação dos modos de fazer política. Neste sentido, estaríamos assistindo a uma “culturalização da política”, os modos de fazê-la reivindicam uma reconfiguração dos referentes que orientam a ação dos sujeitos no espaço público e os leva a participar em projetos, propostas e expressões de diversas matizes, questionando os pressupostos da política dura, normativa e restrita aos profissionais.

Outro fator fundamental para a definição deste perfil é a perda da fé no Estado que, de imagem de coletividade, passa a cumprir prioritariamente suas funções administrativas, perdendo parte da sua dimensão simbólica. Passamos por um momento de descentralização da política, indeterminação de seu espaço, e dessacralização de seus princípios. O modelo de organização apresentado pela maioria dos partidos políticos fez com que eles perdessem o controle da configuração simbólica da representação. As novas tecnologias afetam a forma e as funções dos Estados nacionais. Esse processo ocorre através cada vez mais pelos novos meios de comunicação e não apenas pelos partidos e movimentos sociais.

O cenário apontado exige que se resignifique a política para que seja recuperada sua dimensão simbólica e a capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, no sentimento de pertencimento a uma comunidade e interferência na ordem coletiva. Em caso contrário, estará cada vez mais à mercê daqueles que pensam na ação direta como forma de participação social, e a descrença nas instituições tende assim a se aprofundar.

As novas tecnologias põem a descoberto o que existe de tensão entre a nova era da informação e a antiga organização social e política, ainda desenhada sob o modelo da Revolução Industrial. Não estamos vivendo a dissolução da política como conceito que promove as práticas sociais que são foco desta dissertação, mas a reconfiguração das mediações em que se constituem seus modos de interpelação dos sujeitos e da representação dos vínculos que coesionam a sociedade. As redes de cidadania se configuram no cenário estratégico da luta por descentralizar a interferência nos processos políticos, econômicos e culturais, esta é a particularidade civilizatória que hoje orienta a globalização.

À sua maneira, os movimentos sociais étnicos, regionais, feministas, juvenis, ecológicos, de consumidores, de homossexuais, etc, vão dando forma a uma nova racionalidade política, criada através de momentos de conflitividade social, contestando a legitimidade das estruturas políticas de representação social tradicionais. Esses novos movimentos estão repensando e reordenando o aspecto político justamente em termos culturais. Esses movimentos fazem o descobrimento das dimensões culturais da política, do político, como âmbitos de produção do sentido do social e do reconhecimento dos diversos interesses que articulam seus conflitos e suas negociações.

CAPÍTULO 3:
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL COMO UM PROCESSO COMUNICATIVO

3.1 A prática das interações humanas

O processo de interação da comunicação nas relações sociais foi o ato de cooperação exercido pelos indivíduos nas diferentes sociedades durante o processo histórico das civilizações, e ao longo desse período foi evoluindo em importância.

Entre os anos de 1990 e o começo deste século, se configurou um novo patamar de importância para o processo comunicativo global, identificado pela evolução de aparatos comunicativos e maior velocidade na transmissão de informações. O chamado *mundo virtual* se converteu em um lugar de encontro que permite às organizações, movimentos sociais e aos cidadãos expressarem suas opiniões, sendo um referente privilegiado da visibilidade comunicativa. O avanço tão acelerado das funcionalidades comunicativas das TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação nos permite articular e fazer públicas as nossas versões ou visões da realidade em maior quantidade e qualidade, dando maior visibilidade a novos temas e pontos de vista

As organizações sociais, movimentos e cidadãos exercem a ocupação deste espaço público através dos seus interesses, propondo o diálogo como modelo, fortalecendo processos de comunicação interpessoal e de opinião pública.

O desenvolvimento acelerado das TIC's vem contribuindo para o fortalecimento da comunicação e relacionamento entre indivíduos e com ideias, produtos e instituições, expandindo o processo do diálogo social. Um serviço de atendimento ao consumidor de uma loja não pode mais se dedicar simplesmente a responder de maneira genérica e impessoal a uma reclamação postada em uma rede de relacionamento. As manifestações não necessitam mais serem convocadas apenas por carros de som e pela distribuição de panfletos; uma rede cidadã pode ter como causa uma questão global que recebe apoios espalhados pelo mundo, dispersos e reunidos como nós comunicativos de uma enorme rede.

Neste contexto, é válido recorrer ao conceito do diálogo de saberes, de Paulo Freire. Ele aponta que o diálogo empenha um papel importante ao contribuir para que as pessoas possam ser críticas e conscientes acerca das informações que recebem e o contexto aonde vivem, pois elas não são apenas recebidas e emitidas. Esse processo foi definido por ele como *conscientização*. Se fazem parte de um diálogo, podem ser melhor compreendidas. Devemos ressaltar que as formas de comunicação utilizadas por cada instituição ou indivíduo são diferentes, de acordo com o status do interagente e os recursos dos que se valem para mediar a informação produzida.

Martín-Barbero (2003) define como as 3 dimensões do campo da comunicação: o espaço do mundo, o território da cidade e o tempo dos jovens. Nos interessa em particular o primeiro item, o espaço do mundo. Segundo o autor, não se pode pensar nele como extensão qualitativa ou

quantitativa dos Estados nacionais, fazendo-nos pensar no internacional (política), o transnacional (empresas) e o mundial (tecnologia-economia). Contribui com essa reflexão a percepção de que hoje assistimos a aparição de um tempo mundial. A entrada nesse outro regime de tempo possibilita a sensação de instantaneidade da informação, uma nova rentabilidade e uma transformação das relações possíveis, multiplicando-as. Mas também nos conduz a uma atualidade histórica que desvaloriza qualquer outro tempo.

Os cenários definem os termos e as condições da comunicação. As negociações se realizam nos ambientes que são controlados por instituições, corporações e interesses, conjuntura que também convoca a este espaço público global a mobilização de suas bandeiras por estas plataformas privilegiadas de visibilização. Por intermédio das redes conectadas, o mundo aparece pela primeira vez como totalidade empírica (Santos, 2011). Esta é mais densa, mais extensa e detentora do comando das mudanças de valor do espaço.

As redes conectadas colocam em circulação fluxos de informação e movimentos de integração à globalidade tecnológica-econômica, a produção de um novo espaço reticulado que debilita as fronteiras do nacional e do local, ao mesmo tempo que converte esses territórios em pontos de acesso e transmissão, de ativação e transformação do sentido de comunicar e do poder (Barbero, 2003: 259).

Martín-Barbero ainda afirma que estamos diante de um novo tipo de técnica: aquela que tem a capacidade de transformar o mundo em tecnologia-esfera.

As redes de cidadania, organizações formais e informais que buscam a partir de suas ações promover transformações na realidade coletiva, começaram se utilizar das condições ofertadas por este cenário retratado entre o fim do século XX e princípio do século XXI. Consideramos considerar a ocorrência em 2001 do 1º Fórum Social Mundial, realizado na cidade de Porto Alegre, como a configuração de um espaço inaugural estratégico para a consolidação dos movimentos anti-globalização e contra-hegemônicos. A partir desse momento, há uma demonstração de que novos atores e movimentos sociais introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios.

A diversidade de ideias, causas e formas de atuação disponíveis no ciberespaço, em certa medida coloca mais dúvida sobre o significado para o termo sociedade. Segundo Giddens (1991), é ambíguo pois pode designar tanto uma associação social, de um modo genérico, quanto um sistema específico de relações sociais. Em certos momentos pode estar mais próximo da palavra comunidade. Algumas ONG's e suas ações assistencialistas se assemelham ao que deve ser realizado pelos governos. Em muitas ocasiões não é claro o sentido e a serviço de quem trabalham as instituições e agentes envolvidos neste processo comunicativo.

Apesar da certa mitificação do tema tecnologia na vida contemporânea, ela é decorrente dos

avanços tecnológicos deste tempo, da cultura, e esta da sociedade. Por cultura pode-se compreender a dinâmica das representações sociais. Por sociedade: as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de poder.

Herança do processo decorrente da queda do Muro de Berlim é a *crise das ideologias*, que produz o conflito entre o caráter internacional da estrutura econômica e o caráter nacional das esferas de decisão política. A confusão de papéis aparece pelo aumento excessivo da importância do setor privado na vida das pessoas e pelo aprofundamento do capitalismo ou qualquer outro termo que determine a influência do capital na compreensão das ideias de vida em sociedade.

Neste cenário estão envolvidas as nações, indivíduos e instituições que compõem o modelo democrático ocidental, e operam mudanças em seus métodos de busca por poder. Os mais otimistas, retratados por Barbero, pensam inclusive que essas tecnologias oferecem não somente uma saída a crise econômica, mas também um avanço no político: um novo modelo de democracia avançada. Opiniões mais críticas dizem que apenas as táticas de domínio estão se modificando. Apesar de respeitar a opinião mais otimista, seria excessivo reconhecermos uma técnica, filha da cultura, elevada à condição de definidora de um padrão de democracia. Tal avanço pode ser alcançado de acordo com, dentro de outros requisitos, da forma de utilização desta técnica, esse não é um processo automático. Devemos ir mais além das generalizações que parecem tratar o impacto das tecnologias sobre a cultura como se o mesmo fosse reescrever a história. Ela continuará a seguir o seu destino refletindo neste caminho os impactos decorrentes deste e de outros fatos sociais, culturais, políticos e econômicos, não apenas os tecnológicos, por mais significativas que sejam essas contribuições.

Devemos reconhecer que o lugar da cultura na sociedade mudou quando a mediação tecnológica da comunicação deixou de ser instrumental para converter-se em estrutural: a tecnologia remete hoje não a novos modos de percepção e de linguagem, mas à novas sensibilidades que implicam a associação do novo modo de produzir com um novo modo de comunicar, que converte ao conhecimento em uma força produtiva direta. Dentro deste cenário estratégico, as tecnologias operam ativamente sobre uma realidade socioeconômica que demanda e desenha uma realidade simbólica (Martín-Barbero, 2003: 196),

A questão dialógica se relaciona com o processo de mediação da produção dos cenários imaginários, e como eles se integram no cotidiano das pessoas em um ambiente tão cheio de nuances. Ocorre o surgimento do espaço para a produção de versões dos fatos, produzidas por veículos de comunicação e indivíduos. Cidadãos e redes de cidadania interferem à sua maneira neste imaginário com a construção das suas próprias versões da história, sendo através do registro de violência policial sofrida por manifestantes presentes em uma passeata, quando estabelecem o

constrangimento ao registrar as mazelas e abusos sofridos pelos setores mais vulneráveis ou pelas inúmeras iniciativas de registro da realidade e amplificação da voz do cidadão.

3.2 Parâmetros para a interação participativa

Existe uma dialética da participação, desenvolvida pelos agentes comunicativos no sentido de alcançar seus objetivos. Seguiremos a definição de dialética construída por George Gurtvich (1982), que a entende como um enfoque que permite iniciar um caminho para problematizar sem dogmas o modo em que a realidade se apresenta como totalidade social e histórica. Kopnin (1978) define-a de maneira complementar como “a unidade dos contrários”. Como participação, a instância social na qual os atores presentes atuam para construir o seu destino, quer dizer, intervém no mundo para produzir-lhe determinada condição e significado.

O discurso é o produto central na interação entre ideias e pessoas, não apenas como um objeto linguístico. Seguiremos a definição de Barbero (2003), que coloca o discurso-prática frente ao idealismo—discurso sem prática, sem objeto, o discurso sem sujeito frente ao materialismo. A linguagem viabiliza o discurso, elemento fundamental para a construção de destino abordada no parágrafo anterior.

Existem vários usos para a linguagem, como registrar e transmitir aos demais os conhecimentos adquiridos, aconselhar e ensinar, fazer com que os outros conheçam nossas vontades e propósitos, agradar e deleitar a si e aos outros. (Sêga, 2011: 9). As várias formas de linguagem humana servem de indicadores ou índices para suas ideias, interações ou recusas.

A linguagem constrói a representação simbólica da realidade e daquilo que os indivíduos querem que se torne real. As formas simbólicas são os produtos que os indivíduos produzem ou realizam através das palavras, atos, símbolos ou qualquer outra forma de expressão possível de ser interpretada por alguém. Tais formas são perpassadas pelas ideologias mediadas pelos meios de comunicação de massa ou mídia.

A realidade diz respeito à maneira como os indivíduos produzem seus próprios símbolos e como esses indivíduos, na categoria de receptores, assimilam outros símbolos vindos de diferentes culturas, quer através da transmissão oral, quer por meio das diferentes mídias. A base de toda a ação, portanto, está na interação simbólica.

Essa interação pode ser desenvolvida utilizando a linguagem expressa por palavras, frases, ações, sinais etc, cada um sendo interpretado a sua maneira, influenciando sobre o significado das mensagens, gerando formas simbólicas que nos auxiliam a entender a direção deste estímulos linguísticos.

O discurso se coloca então como o promotor do relacionamento entre as ideias, os interesses e suas formas de expressão. As práticas, entre elas as discursivas, são aquelas em que a história se constrói de fato, e as transformações avançam ou retrocedem. Pelo discurso, a História vai se incorporando entre todos, fazendo-a aceitável para um setor da sociedade ou para o senso comum. Lançado à multidão, vai gerando vínculos de acordo com a emissão de juízo próprio pelo indivíduo nesse ambiente heterogêneo e anônimo (na maioria das vezes), transformando o mental em verbal e promovendo o processo de interação nos níveis do indivíduo, da sociedade e da cultura.

O imaginário coletivo é a matéria-prima com que os meios massivos trabalham. Neste contexto, os discursos e os desejos das massas são moldados através desta plataforma global, e essa atenção é disputada pela diversidade discursiva característica deste tempo presente. O conceito de ideologia também passa pela questão do imaginário. A *crise de ideologias* é sucedida por uma infinidade de possibilidades fragmentadas de vinculação e atuação concreta com algo que poderíamos, no máximo, chamar de *comportamento humano ideal*: respeito ao meio-ambiente, comportamento ético das empresas, bom uso do dinheiro e da máquina pública, votar em candidatos que apresentem boas propostas, ser solidário etc. O comportamental adquire um papel fundamental na construção deste indivíduo, um cidadão em potencial, na construção do seu modo de vida.

Existe um lado antagônico surgido dessa visão: a ambição desmedida, o hedonismo, o privilégio dos objetivos econômicos sobre os objetivos humanos; um confronto dialético/dialógico pela dianteira de posicionamento desses conceitos dentro do processo civilizatório, que passam por um período de novo arranjo, pautado em um debate público e ainda pouco organizado, em que ganha força a importância do êxito individual frente à felicidade coletiva.

O termo *público* possui um significado amplo. Entre os vários possíveis, podemos denominá-lo como um grupo espontâneo de pessoas envolvidas em uma questão ou em um acontecimento; espaço aonde a discussão sobre uma questão legal será baseada em argumentação e contra-argumentação (exemplo: reunião de condomínio em um prédio); ambiente em que procura-se chegar a uma decisão ou opinião coletiva mesmo que esse resultado nunca chegue a ser unânime; não é um agrupamento pré-estabelecido; lugar aonde há uma capacidade crítica por parte dos participantes, mesmo que estes a façam indiretamente através apenas da sua reflexão individual em torno da questão abordada.

Esse espaço público heterogêneo, possível de ser ocupado através de diversas formas, constrói novos valores para a sociedade, estimula o indivíduo a adotar posturas que exercitem a cidadania, mesmo que fragmentada, descolada de uma ideia geral, uma ideologia, afastada de um modelo pré-concebido, legitimando desta forma novos atores neste processo comunicativo.

As inúmeras práticas desenvolvidas pelo que chamamos de *redes de cidadania*, buscam

impacto na cultura e na política. Expressam, geralmente em pequena escala, visões alternativas às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas, que interferem nas leituras e questionamentos a respeito da globalização. Podem representar forças negativas ou construtivas. Apontamos razões para a existência das redes de cidadania, inspirados pela definição de meios alternativos e radicais de Robert Downing (2011):

- Para expressar oposição contra as estruturas de poder e suas formas de comportamento;
- Para construir de maneira horizontal apoio, solidariedade e trabalho em torno de causas apontadas como justas;
- Para atuar em rede contra as políticas ou ainda contra a sobrevivência da estrutura de poder imperante.

Também segundo Downing, há uma tendência nessas organizações que aponta para que elas sejam mais democráticas que os espaços convencionais, porque estão baseadas na tolerância, no respeito, na equidade, na justiça social e na participação ativa de todos, fortalecedoras do sentir comunitário propondo o conhecimento compartilhado pela comunidade desde a *ação coletiva*. A importância da ação grupal não é a somatória de ações individuais, já que o indivíduo e os grupos são responsáveis pela legitimação das instituições sociais como casamento, religião, guerra, entre outras. A ação grupal pode ser gerada de forma independente das instituições que atuam neste determinado ambiente.

É válido destacarmos que as organizações constituídas a partir dos conceitos que apresentamos podem sofrer com posicionamentos que atrapalhem o funcionamento e o alcance dos objetivos traçados, como o voluntarismo dos seus membros, a aversão a decisões que unifiquem as ações desenvolvidas, a crítica automática e não reflexiva aos modelos e processos de participação diferentes deste, uma relativa autossuficiência na visão sobre o alcance dos objetivos desejados e desrespeito a determinadas regras de participação definidas empiricamente ao longo do nosso processo civilizatório.

3.3 O indivíduo no processo comunicativo

Na maior parte das ocasiões, o ser humano precisa da comunicação e da cultura para evoluir na conjugação entre suas cosmovisões, ideários e modos de vida, laços sociais, subjetividade, resolução de conflitos etc. Umberto Eco (1987) afirma que só é possível perceber quais são os pensamentos e desejos das pessoas quando esses são transmitidos por um sistema de convenções comunicativas, que se tornam um sistema de signos, onde a ideologia só é identificada após se socializar, depois de tornar-se código. Os indivíduos são conduzidos não só à produção de formas

simbólicas como à preservação das mesmas.

A capacidade comunicativa dos indivíduos não é uniforme. Dentre todos, destacam-se os interlocutores privilegiados, aqueles que dominam técnicas e carregam discursos adequados para abordar o público definido como co-autor da interação proposta. O diálogo é um tipo de interação que possui um potencial emancipatório, e pode ocorrer pela conversação entre duas pessoas ou grupos com diferentes ideologias, interesses ou visões de mundo, em contextos interpessoais ou grupais, e por meio de esferas publicamente mediadas.

Essa noção de diálogo se associa estreitamente com o conceito de ação coletiva, na qual os membros de uma comunidade empreendem ações para resolver um problema comum. Diferente de outros períodos históricos, os indivíduos neste tempo presente não se agrupam mais apenas segundo suas relações de descendência ou dependência econômica, mas conforme a atividade social a que se dedicam ou de acordo com interesses vinculados ao comportamento e escolhas individuais. Suas horas são mais dedicadas ao seu trabalho do que à família.

As formas de sociabilidade são decorrentes de ideais políticos, econômicos, ideológicos, religiosos, sociais e culturais, unindo interesses e motivando grupos ou segmentos, conduzindo-os a atitudes sociais. O processo de interação deve conter um interesse mútuo entre os participantes, ou seja, uma disposição em cooperar, em descobrir os motivos e as atitudes dos indivíduos com os quais alguém pretende estabelecer algum tipo de relação social. Os indivíduos cooperam para entender as intenções do outro e serem também compreendidos. Uma ação favorável ao outro pode conduzir ao estabelecimento de uma relação social benéfica a si próprio. As relações sociais se estabelecem por meio da troca de experiências individuais e coletivas e pelas representações simbólicas-sociais. Essas representações transformam-se em relações de poder para a manutenção do equilíbrio social e a preservação do *status quo*.

Quem se posiciona como um agente desse processo comunicativo exerce a função de ativista, influenciando o universo de outros indivíduos na formulação dos seus objetos físicos (coisas), sociais e abstratos (ideias). Os objetos só adquirem significado através da interação simbólica, embora seus significados se diferenciem de pessoa para pessoa, dependendo do contexto sociocultural das mesmas.

Os ativistas exercem a função de formadores de opinião nos ambientes em que se relacionam, elaboram o seu discurso de forma a construir simbolicamente a proposta que apresentam e defendem. São intermediários entre uma determinada causa, a sociedade e os indivíduos, construindo os canais comunicativos que levam uma mensagem e podem despertar interesse sobre ela.

3.4 A comunicação e sua importância para as redes de cidadania

A comunicação, como campo intelectual, quase sempre esteve ligada com os modelos de desenvolvimento, entendidos como projetos políticos, econômicos e sociais, algumas vezes traduzidos na ideologia desenvolvida em mobilizações sociais. As práticas comunicativas servem para dar coerência e fluidez aos elementos cotidianos concretos ou ideológicos expressos mediante comportamentos e atitudes.

Martín-Barbero afirma que:

Existe nas transformações da sensibilidade que emergem na experiência comunicacional um fermento de mudanças no saber, o reconhecimento de que por aí passam questões que atravessam por inteiro o desordenamento da vida urbana, o desajuste entre comportamento e crenças, a confusão entre realidade e simulacro (2003: 257),

se relacionando com os imaginários coletivos e conservando as contradições entre velhos e novos hábitos, ritmos locais e velocidades globais.

A história dos processos culturais ocorre enquanto articuladora das práticas comunicativas com os movimentos sociais. Isso implica localizar a comunicação no espaço das mediações, e que os processos econômicos deixam de ser um exterior dos processos simbólicos e estes, por sua vez, aparecem como constitutivos e não só expressivos do sentido social. Existe em curso transformações profundas na cultura cotidiana e a acelerada desterritorialização das demarcações culturais: moderno/tradicional, nobre/vulgar, culto/popular/massivo.

Dando conta de dialogar com os processos de comunicação de massa, é válido destacarmos a inserção que os movimentos sociais realizam através do protesto e da luta no espaço cultural e na vida cotidiana, não como uma mera camuflagem tática nem ingenuidade política, e sim como uma socialidade nova, mais larga e menos dividida. Compreender os processos de comunicação massiva implica hoje em poder dar conta da rearticulação das demarcações simbólicas que ali se estão produzindo, e de como elas podem nos assegurar o valor e a força das identidades coletivas.

Deste modo, os novos movimentos e as novas socialidades descobrem a diferença como elemento e espaço de aprofundamento da democracia, com cada um, individualmente ou organizado, podendo construir o seu *programa cidadão*. A concepção de que o indivíduo faz parte de um todo, e que por isso suas atitudes podem contribuir positivamente ou negativamente no futuro do planeta e da espécie humana, assume um caráter quase que universal, mesmo que seja apenas como discurso e não como prática para uma parcela do público que demonstra afeição por essas ideias.

Dentro do processo comunicativo e organizativo das redes de cidadania, também podemos destacar a busca pelo princípio cooperativo de funcionamento, com o compartilhamento de responsabilidades não apenas pela hierarquia, mas pelas habilidades individuais, pela distribuição mais igualitária possível do direito de fala dos participantes; espontaneidade e informalidade nas interações desenvolvidas e busca de construção de relacionamentos baseados na confiança pessoal . Há uma construção de autoridade que não é necessariamente racional e legítima, que pode ser motivada por uma diversidade de fatores de interesse e motivação desses movimentos sociais. É válido reservar o direito a exceção e citar que grupos podem seguir regras diferentes para a comunicação, principalmente na abordagem conflitiva ou colaborativa do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO 4:
A REDE OPCIÓN LATINOAMÉRICA E A OPÇÃO BRASIL

A Rede Opción Latinoamérica nasceu da experiência da Corporación Opción Colombia, como uma iniciativa impulsionada por estudantes da prestigiada Universidad de Los Andes, localizada na capital do país, Bogotá. Os fundadores da organização estavam interessados em levar para fora da universidade as inquietudes de muitos outros jovens que experimentavam uma época de bastante importância na história colombiana. Era 1988, quando ocorreram as primeiras eleições de prefeitos por voto popular. O final daquela década testemunhou a força do *narcoterrorismo* e o assassinato de candidatos presidenciais, ao lado de uma corrente política que propunha renovações profundas nas estruturas de poder.

A abertura política vivida naquele momento, conduziu muitos estudantes a se interessarem pela realidade que a Colômbia vivia. Nesse momento, a Universidad de los Andes começou a oferecer estágios a seus estudantes direcionados ao apoio de programas de desenvolvimento comunitário. Foi nessa perspectiva que os primeiros opcionistas, aqueles que escolhiam uma opção de trabalhar em temas diferentes aos que eram exigidos na formação profissional, saem de Bogotá e partem para trabalhar em regiões distantes do país.

A proposta estava baseada em levar estudantes a desenvolver atividades práticas de duração de um semestre de trabalho de campo, não em seus temas diretos de estudo, e sim em ações que os aproximassem a realidade colombiana, e desta forma promover reflexões e mudança de visão a respeito das dificuldades vividas pela parte mais pobre da população. Essa ideia foi inspirada por outro momento de importância para a juventude colombiana ocorrido durante a década de 1960, quando excursões de instituições educacionais levavam seus alunos a regiões distantes do país, conjugando a ideia de uma viagem com a experiência de relação direta com a realidade e o conhecimento da parte mais afetada pela realidade de violência e concentração de poder em poucas famílias.

As primeiras experiências serviram para gerar o interesse de uma parte dos participantes em fundar uma organização e criar uma figura jurídica para levar a proposta a outras partes do país. A Opción por Colombia, ou Opción Colombia, se converteu então legalmente em uma organização, que teve sua primeira sede na Faculdade de Engenharia Industrial da Universidad de los Andes, em uma pequena sala cedida pelo Conselho Universitário da instituição, que nomeou o Vice-Reitor como responsável por acompanhar o seu desenvolvimento. A ideia era oferecer atividades práticas que pudessem servir como complemento aos conhecimentos teóricos obtidos nas aulas.

O primeiro projeto de vulto da Opción Colombia foi obtido a partir de uma aliança com o DRI – Fundo de Desenvolvimento Rural Integrado, uma ação desenhada para apoiar o sistema de desenvolvimento local da instituição em vinte Estados do país. A partir desse momento, a Universidad Nacional de Colombia começa a participar dos projetos da organização e dessa forma

se inicia a expansão da proposta a outras universidades. Em 1992, cerca de 70 estudantes haviam participado das experiências promovidas pela Opción Colombia, e 5 universidades haviam se integrado ao projeto e criado os Grupos Opción Colombia, espaços locais que reuniam aqueles que desejavam fazer parte da entidade e compartilhar os seus ideais.

Dessa forma descrita anteriormente, foram sendo geradas uma série de dinâmicas sociais entre esses grupos, que permitiram a aproximação de múltiplos perfis profissionais, pontos de vista, perspectivas e realidades pessoais distintas, definidas por um de seus fundadores, Alfredo Sarmiento, como um *exercício de alteridade*.

A experiência foi tomando corpo nos anos seguintes, e as narrativas construídas pelos estudantes que participavam da experiência de viajar e vincular-se a uma ação prática longe de seu lugar de moradia, a ponto de gerar uma série televisiva, denominada “Tiempos Dificiles”, feita pelo canal Cenpro Televisión, em 1997, que baseou seu argumento nas viagens que os estudantes faziam aos municípios distantes do país e suas reflexões sobre a realidade da Colombia. Tal fato serviu para difundir ainda mais a mensagem da organização em nível nacional.

Em 1998, Opción Colombia celebrou um convênio com a OEA – Organização dos Estados Americanos, com o objetivo de aproximar universidades latino-americanas dos problemas e das necessidades de desenvolvimento deste território. Assim nasceu a Red Opción Latinoamérica, com o sentido de impulsionar a participação estudantil, no que se denominou como *extensão social universitária* para o desenvolvimento e bem-estar de comunidades no âmbito de cada país.

Esse convênio impulsionou a organização em sua projeção de nível internacional, se configurando como um dos principais espaços de integração regional e cooperação entre organizações da sociedade civil, universidades, governos e comunidades. Para impulsionar a construção das *Opciones Nacionales* (nome conferido às organizações que atuam em cada país), foram enviados 40 colombianos para apoiar a criação da rede no Chile, Bolívia, Equador, México, Nicarágua e Venezuela. Ao mesmo tempo, foram a Colombia 19 estudantes desses países para viver as experiências de um semestre promovidas na Colômbia.

Em janeiro de 2001, no marco da realização do 1º Fórum Social Mundial, realizado na cidade de Porto Alegre, essa experiência, definida por seus promotores principais como “um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo”, promoveu durante o evento o encontro entre militantes do movimento estudantil brasileiro, atuantes no Estado de São Paulo, com a representante enviada pela Opción Colombia.

A confluência de pensamentos foi quase que imediata, pois esses jovens haviam começado a

refletir pouco tempo antes desse encontro, sobre a possibilidade de criar uma organização no Brasil que apoiasse a participação de outros jovens estudantes e recém-formados em causas importantes para a sociedade. Quando conheceram a proposta da Rede Opción Latinoamérica, imediatamente a ideia se modificou, de criar algo completamente novo para integrar-se a uma proposta já reconhecida e com trajetória construída em outros países, o que contribuiu para o estabelecimento mais rápido da organização.

Em maio de 2001, Daniel Vaz Freire, Ricardo Carvalho de Almeida e o professor Joaquim Celso Freire Silva, que naquele momento ocupava o posto de Pró-Reitor Comunitário de Extensão do IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior), atualmente USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, aceitaram o convite feito pela Opción Colombia de participar de sua cerimônia de comemoração de 10 anos de fundação, e foram para Bogotá, quando passaram por volta de duas semanas conhecendo *in loco* as práticas desenvolvidas pela organização.

O sentimento que surgiu foi de que essa seria a alternativa mais adequada para a criação de um novo espaço de participação de jovens, que pudessem refletir sobre os problemas do Brasil, reivindicar mudanças e transformações na sociedade, mas também desenvolver ações práticas que pudessem aproximar jovens, naquele momento, principalmente estudantes universitários, a enxergarem de outra forma a importância do seu comprometimento de tempo e energia em ações que pudessem não apenas beneficiá-lo individualmente, mas que tivessem o sentido de gerar algum tipo de troca de conhecimentos entre o saber recebido nos bancos escolares da universidade e o saber popular, daqueles que construíram suas vidas com mais dificuldade do que os que frequentaram a universidade, mas que possuíam muito para transmitir.

Em novembro de 2001 foi fundada nas dependências do antigo IMES a Opção Brasil, que acolheu a sede da organização durante os primeiros sete anos de vida. Durante os sete meses entre a viagem a Colômbia e a assembléia de fundação, os líderes desse projeto se concentraram em realizar visitas a companheiros de movimento estudantil que pudessem se interessar pela proposta e a líderes constituídos na sociedade que emprestariam referência a esta proposta difundida por jovens recém-saídos da universidade. Dessa maneira, reuniram cerca de 80 pessoas em dois dias de atividades e conquistaram o apoio de pessoas que aceitaram fazer parte de um primeiro conselho de assessoramento da entidade, e desta forma, Jorge da Cunha Lima, à época Presidente do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta, Danilo Santos de Miranda, Diretor do SESC-SP, Nádia Campeão, atual Vice-Prefeita de São Paulo, entre outras referências, participaram desse momento inicial de lançamento da organização no país.

Os primeiros anos, de 2002 a 2004, foram dedicados a reunir jovens que estavam interessados em desenvolver alguma ação social em pequenos projetos na região do ABC Paulista e

Campinas. Em paralelo, foi o início do governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva no Brasil, que orientou, logo no seu primeiro ano de mandato, coordenado pelo Instituto Cidadania, a criação do Projeto Juventude, iniciativa que reunia as principais lideranças jovens e referências acadêmicas e sociais deste tema no país, com o objetivo de construir uma plataforma inicial para o estabelecimento de uma política nacional de juventude. A Opção Brasil participou desse processo desde o início, através de seu Coordenador Executivo Nacional eleito, Daniel Vaz.

O primeiro projeto de vulto realizado pela entidade foi a formação de 100 jovens da região do ABC Paulista, a partir de convênio com a Agência de Desenvolvimento da região, no Programa 1º Emprego, do Ministério do Trabalho, no ano de 2005. O trabalho de construção da política de juventude no Brasil seguia com a participação da entidade em lugar de destaque, mesmo com o seu pouco tempo de existência. A partir da RENAJU – Rede Nacional de Organizações de Juventude, espaço que reunia cerca de 55 entidades que trabalhavam com o tema, seu Coordenador Executivo Nacional foi indicado para representá-la no 1º Conselho Nacional de Juventude do Brasil, aonde permaneceu como membro suplente e titular entre os anos de 2005 e 2008, chegando a inscrever-se como candidato a presidente do órgão no ano de 2007.

A participação nesse espaço permitiu que a organização se estabelecesse como uma referência de trabalho e debate sobre os temas que tem relação com o público jovem, levando a continuidade do desenvolvimento de ações no campo da formação profissional, participação juvenil e a construção de condições para a institucionalização das políticas públicas de juventude em várias partes do país. Além dos temas juvenis, adquiria maior força o trabalho de apoio à participação social, realização de atividades culturais e valorização da cultura indígena dos povos que vivem em zonas urbanas, denominado Índios na Cidade, uma linha especial de atividades da organização, surgida a partir da solicitação de apoio recebida por Marcos Julio Aguiar, ex-estudante do IMES, participante do movimento das Pastorais da Igreja Católica, que enxergou a possibilidade de alojar o seu projeto na Opção Brasil.

O trabalho realizado no campo do emprego juvenil levou a organização, em 2009, a receber a proposta de liderar no país a rede YES - Youth Employment Sustainability, espaço de participação que surgiu como fruto de uma campanha global pelo desenvolvimento de ações de geração de oportunidades de trabalho para jovens, que se iniciou em Alexandria, Egito, em 2002. No ano de 2010, a organização realizou, nas dependências do Memorial da América Latina, o 3º Encontro Latino-Americano sobre Emprego Juvenil, que recebeu jovens empreendedores de cinco países, México, Uruguai, Colômbia, Chile e Brasil.

Em 2010 também iniciaram-se as bases mais concretas do que a Opção Brasil realiza atualmente. Os anos anteriores foram de muito trabalho, mas não houve a definição de linhas

principais de ação, a organização acolhia toda e qualquer ideia que fosse apresentada e que tivesse ligação com sua missão e objetivos. A partir desse momento, o trabalho foi organizado em quatro eixos: participação, ações formativas e culturais, questões indígenas e ações de intercâmbio destinada a jovens latino-americanos.

Esta última ação, desenvolvida através da organização de programas com jovens do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Espanha e Venezuela de programas de 1 semana a 6 meses de duração para o aprendizado de idioma, de estudos formais, de visitas acadêmicas e culturais, se configurou não apenas em uma fonte de financiamento para a organização, que buscava se desprender o máximo possível da dependência de recursos públicos para a realização de suas atividades, mas em uma fonte de conquista de novos *opcionistas*, quando, a partir desta vivência em uma outra parte da nossa região, começaram a perceber os vínculos existentes entre os países da América Latina; uma parte retorna para o seu dia a dia de alguma maneira transformados pela experiência que tiveram e se incorporam à organização.

A principal fonte de novos *opcionistas* para a organização é, portanto, a vivência de uma experiência concreta de relacionamento com a visão de mundo apresentada pelos seus membros e a possibilidade de contato com temas que ajudam ampliar a forma de entender o seu papel na sociedade.

Atualmente, a Opção Brasil é a organização mais forte da Rede, assumindo a coordenação da Opción Latinoamérica. As outras Opções Nacionais que seguem existindo estão na Colômbia, Venezuela, México e Nicarágua, com diversos níveis de trabalho e institucionalidades constituídas.

As perspectivas da rede acompanham o cenário de integração ainda em construção que os organismos internacionais e governos nacionais da região lideram. Apesar das dificuldades inerentes a cada país, a Rede Opción Latinoamérica é uma das principais experiências no campo das redes de cidadania constituídas na região, reconhecida internacionalmente. A partir da vivência de milhares de jovens, pelo esforço de seus membros, mas também pela colaboração de uma série de instituições que enxergaram a importância da existência desse espaço de participação, segue em marcha a ideia nascida na Colômbia, experiência legitimamente latino-americana, que estrategicamente percebeu a necessidade de reforçar os laços entre países e povos com muito mais semelhanças que diferenças, e que juntos podem alcançar um outro nível de protagonismo global.

CAPÍTULO 5:
PESQUISA COM LÍDERES DE REDES DE CIDADANIA:
INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Com o objetivo de explorar as hipóteses levantadas por essa dissertação, foi realizada uma pesquisa com o seguinte público-alvo: pessoas de ambos os sexos, que em sua maioria absoluta encontra-se entre 20 e 45 anos, líderes nos setores que atuam, que desempenham algum papel de protagonismo na sociedade, provenientes do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Nicarágua e México.

A mesma foi disponibilizada aos participantes durante o mês de janeiro de 2014 através da ferramenta de formulários *Google Drive*, que apoiou a coleta e organização das informações coletadas.

O quantidade de pessoas que responderam as 6 questões formuladas foi surpreendente: 176, no total. Desta amostra, 54 participantes são estrangeiros e 122 brasileiros. Ela foi comunicada através de e-mails e uma série de redes conectadas a internet, abaixo relacionadas:

Brasil

- Fórum Paulista de Juventude – gestores públicos de juventude ;
- Políticas Culturais Brasileiras – agentes culturais e artistas;
- Conselho Nacional de Juventude – lideranças jovens, membros do Conjuve, especialistas no tema;
- Juventude Socialista Brasileira – organização juvenil;
- Núcleo Alessandro de Leon de Políticas Públicas de Juventude – gestores públicos e especialistas no tema;
- Infojovem - portal de notícias de interesse da juventude;
- Opção Brasil – *opcionistas* e pessoas próximas da organização não-governamental;
- Projeto Índios na Cidade – rede de cidadania;
- + Cultura Santo André – agentes culturais e artistas ;
- Fora Collor – 20 anos – antigos militantes do movimento estudantil;
- Casas da Juventude de Pernambuco – líderes e gestores jovens;
- Grupo Rede Sustentabilidade – ativistas de várias temáticas;
- Nação Hip Hop Brasil – rede de cidadania;
- ABCD em Rede – rede de cidadania;
- Grupo da UNE – ativistas da União Nacional dos Estudantes ;

Grupos compostos por estrangeiros:

- Juventud del Mercosur – lideranças jovens da região;

- YABT – Young Americas Business Trust, rede de empreendedores jovens da Organização dos Estados Americanos;
- Fundación Entre Libros y Lectores - Ativistas culturais;
- Nos EnREDdamos – informações de interesse para redes de cidadania;
- Dinosaurios de Opción Latinoamérica – opcionistas de diversas gerações e países da Rede;
- Grupo La Sociedad del Conocimiento - Líderes jovens;
- Red Iberoamericana de Aprendizaje- Servicio - reúne organismos governamentais, organizações da sociedade civil e universidades.

Além dessas redes constituídas, o convite para participação na pesquisa realizada foi também encaminhado via e-mail para cerca de 50 pessoas, componentes do banco de dados do pesquisador, com o mesmo perfil apresentado anteriormente. Alguns líderes convidados a participar da pesquisa, colaboraram com o envio da mesma para seus contatos que possuíam o perfil buscado.

Foram elaboradas 6 perguntas, enviadas igualmente para brasileiros e estrangeiros, apresentadas a seguir:

- 1) – Como iniciou sua participação social?
- 2)- Como você definiria a si próprio atualmente?
- 3) - As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, smartphones, tablets, redes sociais, interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?
- 4) - De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?
- 5) - Na sua opinião, qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?
- 6) - O quanto você se sente latino-americano?

Os dados coletados foram consolidados de 3 formas: brasileiros, estrangeiros e total dos que

responderam a pesquisa:

A seguir, apresentaremos os resultados consolidados em cada um desses três segmentos, com a devida análise do pesquisador:

5.1 Análise dos dados consolidados

A primeira questão pergunta a respeito do início da participação social dos pesquisados. O movimento estudantil foi a preponderante nos dois públicos, com uma diferença de aproximadamente 7 pontos entre estrangeiros (42,5%) e brasileiros (49,9%). Houve, porém, uma diferença na segunda alternativa mais escolhida. Para estrangeiros foram outras formas de participação (27,7%) – escoteiros, partidos políticos, organizações sociais, movimentos setoriais, enquanto que para brasileiros, essa alternativa ficou empatada com as associações religiosas, com 19,6%.

Os movimentos de perfil tradicional, pela capilaridade de suas ações desenvolvidas, seguem como os principais canais iniciais de participação para a juventude. As Igrejas vem tomando medidas para rejuvenecer e assim atingir de maneira eficiente as novas gerações. O número expressivo de pessoas que iniciaram o processo de participação em organizações diversas, conforme apontado pela pesquisa, parece demonstrar uma consolidação em outros países de movimentos que ocupam lugar de destaque na formação humana desses líderes jovens que não tem a necessidade de passar pelas *escolas* tradicionais.

Na pergunta 2, que teve como assunto a definição que as pessoas tem a respeito de si mesmas, a alternativa que as definia como atuantes do ponto social e/ou político, ou desde a posição profissional que ocupa, foi a mais escolhida em ambos os públicos. A diferença é que o público brasileiro se dividiu mais entre essa alternativa e a que poderia defini-lo como observadores atentos sobre os temas de interesse, e envolvimento eventual em determinadas causas.

Enquanto o percentual de escolhas entre as duas alternativas para os estrangeiros foi, respectivamente de 68,4% e 27,7%, para os brasileiros essa distância foi muito menor, de 46,6% a 40,9%.

O que levaria essa margem tão estreita entre aqueles que se definem como atuantes e observadores para um público como este que pesquisamos? Chama a atenção o fato de que ativistas de redes de cidadania se definam como observadores quando se esperaria que eles se identificassem como pessoas atuantes e envolvidas plenamente nas causas que defendem.

Pensamos que pode ser um resultado dos incentivos à forma individual de participação, distante das organizações e dos espaços ditos tradicionais que relatamos durante a dissertação como

um dos resultados do fim da polarização ideológica da Guerra Fria. Observar o cenário e não tomar partido pode ter sido considerada como uma atitude racional, para uma parte desses formadores de opinião, que preferem exercer o papel de observação, reservando a ação concreta para determinados momentos.

Vale a pena ressaltar também que as opções que apresentaram perfis de pessoas desiludidas e interessadas em temas particulares passaram os 8% para brasileiros, enquanto para os estrangeiros ficou em 1,8%.

A pergunta 3 tratou a respeito da escolha de uma melhor estratégia para a difusão de ideias e participação social. Os dados consolidados entre brasileiros e estrangeiros aponta para o ingresso a uma organização como a resposta principal, com a escolha de 35,78% dos pesquisados. Porém, as alternativas que apontam o debate de ideias para o avanço da sociedade e a integração informal a um coletivo de pessoas também receberam um percentual considerável de escolhas, respectivamente 22,72% e 23,28%.

Quando analisamos as alternativas dessa pergunta separadamente entre brasileiros e estrangeiros, constatamos que há diferença na alternativa mais escolhida entre os dois públicos. Os estrangeiros se dividiram entre a vinculação formal a uma organização e a integração informal a um coletivo de pessoas ou organização que defenda as suas ideias, enquanto os brasileiros, apesar de também haver escolhido as alternativas que tratavam da integração informal (18,01%) e o debate de ideias (27,02%), apontaram majoritariamente o ingresso em um partido político, associação ou movimento social como o caminho mais correto, com 36,85% do total.

É possível que o perfil dos participantes brasileiros seja mais engajado nos movimentos tradicionais do que os que vivem em outros países. Mas também podemos entender que os brasileiros que participaram da pesquisa confiam mais no poder de intervenção na sociedade através dos canais de participação tradicionais, apesar do desgaste que vem sofrendo os movimentos organizados desta forma.

A quarta questão trata da maneira que o lugar de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas. Apesar dos dois públicos apontarem que a contribuição vem através do trabalho realizado por cada um, com cerca de 35%, foi a pergunta onde as respostas se dividiram de maneira mais equilibrada, pois todas as alternativas apresentadas obtiveram, nos dois cenários, pelo menos 10% de escolha entre o público pesquisado. A segunda resposta mais escolhida foi a que reuniu as pessoas que fazem parte de espaços de participação geral, também com índices similares de escolha, na casa dos 24%.

Entre 15 e 17% do total declarou que o seu trabalho não interfere da construção das políticas públicas. Podemos entender que a maioria das pessoas que responderam a pesquisa procuram, cada

um à sua maneira, acompanhar o que vem ocorrendo ao seu redor, buscando intervir de acordo com os assuntos de seu interesses ou de maneira prática, a partir do trabalho que desenvolve. O engajamento em uma causa atualmente não significa uma dedicação de tempo completo. Pode ser feito a partir do local de trabalho, estudo e moradia, conjugado com outros interesses e possibilidades individuais, e com outras causas, inclusive.

A questão 5, que trata sobre a interferência ou colaboração das redes sociais conectadas no exercício da cidadania, apontou majoritariamente a resposta que identifica os participantes como pessoas ativas na divulgação de opiniões, causas e informações de interesse, com 55,5% entre os estrangeiros e 64,7% entre os brasileiros. Em seguida, apareceu a alternativa que reúne as pessoas que usam a rede mundial de computadores e as suas ferramentas de comunicação focadas em fazer contatos profissionais receber comunicação dirigida aos temas de interesse, 18,1% de estrangeiros e 22,1% de brasileiros.

Tanta disposição de se comunicar através dessas ferramentas reflete uma geração de líderes muito ambientados ao uso das TIC's como ferramentas de participação social. Por outro lado, os estrangeiros parecem ser um pouco mais comedidos no uso das possibilidades de interação oferecidas pela rede mundial de computadores e seus aparatos tecnológicos móveis e portáteis.

Essa questão parece reforçar a argumentação desenvolvida nessa dissertação, sobre a importância das TIC's nas formas de participação desenvolvidas nesse princípio do século XXI, possibilitando o engajamento maior às pessoas, promovendo visibilidade a um maior número de movimentos e causas de acordo com as estratégias de comunicação desenvolvidas, pois, afinal, com maiores possibilidades de escolha, se torna mais complexo adquirir protagonismo com tantas alternativas disponíveis.

No entanto, quando o processo comunicativo atinge o público desejado de maneira adequada, o potencial de multiplicação da ideia é imenso e incontrolável, escapando até mesmo de quem gerou a mensagem original.

Por último, a questão 6 buscou saber o entendimento que cada um tinha sobre o quanto se sente latino-americano. Apesar da resposta mais indicada ter sido a mesma, que acompanham muito e se interessam pela região (55%), analisando a escolha de outras alternativas faz com que possamos perceber que o vínculo com os países da região é muito mais forte entre os que falam espanhol do que entre os brasileiros.

A questão da semelhança de uso do idioma espanhol por praticamente todos os países da América Latina, causa uma maior vinculação e sensação de proximidade. Veículos de comunicação podem atuar em toda a região a partir de um determinado país, com uma mesma programação ou com poucas adaptações, a circulação de produtos culturais se torna bem mais fácil. A colonização

espanhola construiu também vínculos culturais que são comuns a várias partes, contribuindo para uma maior proximidade entre esses países.

O idioma pode ser considerado o maior fator de dificuldade na comunicação mais frequente entre o Brasil e seus vizinhos, seguido da preferência pela cultura brasileira e de outros povos, e da desvalorização da cultura latino-americana como algo relevante. Esse desconhecimento pode levar com que a integração desse território ainda demore muito mais tempo do que o necessário.

Iniciativas de caráter cultural, acadêmico e de participação latino-americanas de fato ainda são raras, exemplos como o apresentado pela Opción Latinoamérica. Porém, a percepção clara desse interesse apresenta uma grande oportunidade a ser desenvolvida, neste momento ainda com o caráter de pioneirismo.

5.2 Apontamentos finais sobre a pesquisa

A análise dos dados reunidos entre brasileiros e estrangeiros em um mesmo total nos oferece um panorama bem interessante sobre o perfil dessas pessoas que atuam nos dias de hoje através das chamadas redes de cidadania. De maneira objetiva, vamos tentar definir pontos mais relevantes de cada uma das perguntas.

A participação social iniciou-se para a maioria (47,7%) no movimento estudantil. No entanto, não é possível desprezar o grande número de pessoas que iniciaram sua trajetória em outras frentes (22,1%) e em associações religiosas. É válido reforçar dois aspectos, o primeiro possui relação com a força ainda preponderante das organizações e movimentos tradicionais no “recrutamento” de jovens interessados em exercer a sua cidadania. O seguinte apresenta uma posição ainda secundária, mas bem consolidada, de outras formas de participação presentes em outros países como alternativas reais de vinculação com espaços e temas de interesse.

Os jovens líderes e ativistas que participaram da pesquisa se definem prioritariamente como pessoas atuantes do ponto de vista social e/ou político, desde os postos que ocupam (53,3%). O outro bloco significativaivo de respostas é formado por aqueles que se definem como observadores atentos aos temas de seu interesse, com participação eventual em determinadas causas (36,9%), percentual alto e intrigante para o perfil pesquisado. Será que esse exercício de observação atenta da realidade é visto por quem escolheu essa alternativa como um ato de cidadania?

Apesar da maioria dos pesquisados indicarem o ingresso em um partido político, associação ou movimento social como a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social (35,7%), um número considerável de participantes indicou a integração informal em coletivos ou organizações que defendem suas ideias (23,2%) e o debate de ideias para o avanço da sociedade

(22,7%) como alternativas consolidadas e valorizadas de participação, utilizadas por muitos ativistas e líderes dentro do perfil construído para essa pesquisa. Essa questão deixa transparecer mais claramente a pluralidade de formas de participação aceitas na atualidade como exercícios de cidadania, desde as mais tradicionais até a participação afetiva, com menos compromissos em algum coletivo de pessoas, parece não existir um modelo a seguir sobre esse tema no momento atual.

A principal forma que esse público pesquisado alcança para interferir na construção de políticas públicas é através do seu trabalho profissional (35,2%), e da efetiva interferência nos rumos das políticas públicas (24,4%). Podemos supor que uma parte do público participante da pesquisa possa trabalhar em organizações sociais, movimentos e entidades do 3º Setor, mas apenas isso não poderia responder o expressivo número de pessoas que entendem que o seu trabalho profissional apoia a construção dessas políticas. Parece que há o entendimento por parte deles que é possível atualmente trabalhar, desenvolver sua vida profissional e também interferir nos destinos gerais da sociedade. Porém, é necessário problematizar sobre essa escolha, se ele é fruto da evolução da consciência cidadã, que pode ser exercida em conjugação com a atividade laboral, ou uma confusão de papéis gerada por transformações nas relações vinculadas ao ambiente de trabalho.

Esse é um público conectado às redes sociais, mas que desenvolve esse vínculo buscando apresentar suas ideias e opiniões, participando de alguma forma, de um exercício de cidadania. Outro contingente importante é composto por aqueles que utilizam a rede mundial de computadores e as ferramentas de informação e comunicação para construir suas próprias redes de contato em temas específicos, em uma parte de caráter privado. Mas a maioria absoluta, 61,9% declaram que praticam algum tipo de militância virtual, facilitada pelas diversas formas disponíveis de conexão de pessoas a organizações e ideias.

Por último, é perceptível um sentimento de apreço pela identidade latino-americana entre todos os participantes. No entanto, principalmente entre os brasileiros, essa percepção ainda é menor, e em alguma maneira, com uma carga de desconhecimento sobre o nível de desenvolvimento que se encontram os países vizinhos, as condições de vida e o valor da cultura local, ocasionando um distanciamento ainda maior do que simplesmente um idioma diferente de todos os países latino-americanos poderia fazer para nos manter afastados. Inclusive entre as redes de cidadania existe ainda poucas iniciativas que trabalhem a América Latina como território prioritário de atuação.

As novelas e as canções populares continuam sendo o canal principal de relacionamento entre o Brasil e seus vizinhos. Pelo peso econômico e político adquirido e a expansão econômica ocorridos na última década, existe uma atenção maior em relação ao nosso país. A sua consolidação

como uma das forças multipolares já vem estimulando a vinda de muitas pessoas de países latino-americanos, talvez possamos esperar em médio prazo a criação de um vínculo cultural maior, parecido com o que ocorreu há tempos atrás com árabes, europeus e orientais que vieram construir suas vidas nesta parte do mundo.

CAPÍTULO 6:
CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido dizer, primeiramente, que foi algo bastante desafiador construir um raciocínio conceitual a respeito de algo que faz parte da vida deste pesquisador há tanto tempo. Foi necessário entender as formas de participação e de exercício da cidadania desenvolvidas atualmente como observador, gerando um ponto de vista o mais distante possível de preferências pessoais ou de opiniões pré-estabelecidas.

Trabalhamos com um tema que segue em consolidação, tomando formas das mais diversas, sob a lógica da ocupação de espaço político na pauta oficial dos temas importantes em nível internacional. Cada passeata que ocorria em São Paulo, manifestação estudantil no Chile, movimento de camponeses na Colômbia; trazia uma série de reflexões novas e importantes para o enriquecimento dessa dissertação. A partir de um momento foi necessário fechar o objeto de estudo, em que a banca de qualificação cumpriu um papel fundamental.

A primeira conclusão é de que estão se consolidando possibilidades mais abrangentes para a construção do discurso e a prática das redes de cidadania, que estão conectando pessoas às organizações e movimentos que apresentem suas causas a serem defendidas de formas inovadoras e articuladas de maneira colaborativa, complementar, horizontal e temática. Tal fato não esvazia as organizações de perfil tradicional, mas as obriga a repensar suas práticas, métodos de organização e bandeiras, com o risco para aquelas que não se dedicarem a esse processo de renovação de se tornarem obsoletas, entrarem em desuso e diminuírem sua importância para a sociedade.

A responsabilidade por esse desgaste é parte das consequências dessas transformações ocorridas desde o final da Guerra Fria e a possibilidade de se fazer visível novos discursos ao público acostumado anteriormente a seguir as opiniões emitidas por um dos dois blocos de poder hegemônico existentes.

Sobre os questionamentos que apresentamos inicialmente, construímos as seguintes reflexões:

1- Por quais caminhos estão sendo construídos o exercício da cidadania para este tempo presente?

Parece que seguiremos com o surgimento de novos ambientes de participação, que destacam a parte que lhes interessa de uma ideologia construída mais pela realidade vivida e o comportamento humano do que pelas ciências sociais e políticas. Estratégias mercadológicas já criaram o “banco do planeta”, o “suco do bem” a compensação do gás carbônico através de uma taxa a ser incorporada no seguro do automóvel, existem até marcas de cigarro que divulgam a utilização de menos componentes químicos em sua produção. O risco que corremos é que ocorra uma vulgarização do conceito de cidadania e ele passe a valer para justificar o consumo de

determinadas marcas e produtos pelo comportamento ético dessas empresas, e não pela utilidade do item adquirido ou pelo seu real valor.

Existe um esforço das grandes corporações empresariais e financeiras de buscar vantagens nesse cenário de maior visibilidade de causas a serem defendidas e responsabilidades sobre as mesmas.

Efêmeros como são os movimentos de massa, mas fundamentais para a reconfiguração de forças políticas e sociais que vivemos atualmente, esses movimentos dialogam de maneira mais direta com os indivíduos, sem ter que explicar o que são exatamente nem seus vínculos ideológicos.

Exemplos de movimentos como Occupy Wall Street, as Marchas dos Indignados na Espanha, a Primavera Árabe, as manifestações pelo passe livre no Brasil, são todos boas referências de ações promovidas por redes de cidadania que avançam positivamente na criação de outras formas de participação social, organizadas a partir de vínculos mais próximos da vida das pessoas.

2- Como o processo comunicativo pode apoiar a criação de diálogo sobre alternativas de vida para a humanidade, mesmo com opiniões que apontam esse debate como conceitualmente ultrapassado?

O processo comunicativo é, e sempre será fundamental para as reflexões e decisões vinculadas ao futuro da humanidade. A queda do Muro de Berlim pode ter produzido um vencedor da Guerra Fria, mas não conseguiu decretar o fim das ideologias e do debate sobre formas de vida que valorizem os aspectos coletivos e humanos da sociedade. Se anteriormente esse debate passava essencialmente com uma certa “periferia”, do mundo, atualmente ele ocorre com força tanto nos Estados Unidos como Europa. O país da América do Norte já vem há tempos lançando mão de artifícios bélicos e de inteligência para prolongar o seu poder hegemônico, convivendo mais frequentemente com as contradições decorrentes do seu sistema político e econômico .

Por outro lado, o processo comunicativo do exercício da cidadania se fortalece com o surgimento de novos canais de informação disponíveis na internet e acessados de formas variadas. Apesar das tentativas de restringir a liberdade de acesso, obtenção de informações e construção de relacionamentos através da rede mundial de computadores, essa possibilidade é cada vez mais inviável, não é possível censurar aquilo que circula nas redes sociais conectadas.

É possível identificar um processo comunicativo que mistura elementos da comunicação presencial com aquela que é mediada por equipamentos e que ocupa as capilaridades da vida cotidiana, circula em forma de afetos e compromissos sociais, que facilita o exercício da comunicação como prática de vida e cidadania. Devemos observar futuramente o quanto esse processo será incorporado ao cotidiano da sociedade contemporânea. Até o momento, nos parece inevitável que as instituições governamentais e corporações empresariais tenham que aprimorar

suas práticas para lidar com esse fenômeno recente.

3 - Qual é o nível de vínculos existentes de identidade latino-americana? Existe uma cultura de comunicação e relacionamentos integrada surgindo neste século na América Latina?

Ainda pequeno, infelizmente. Apesar das tentativas de criação de vínculos maiores, ainda estamos muito distantes de uma realidade mais integrada e interessada sobre o que ocorre em nossa região. Seguimos dependendo de iniciativas como a da Rede Opción Latinoamérica e a da Opção Brasil, entre outras, para podermos avançar de alguma forma no aprofundamento desses laços entre povos que poderíamos dizer que são irmãos, pois os passos institucionais para essa integração ainda são insuficientes.

O aumento dessas conexões, como dissemos durante a dissertação, depende mais dos governos e organizações internacionais do que das redes de cidadania e dos cidadãos que desenvolvem suas ações em prol do bem-comum. No entanto, movimentos como os citados acima, colaboram decisivamente para que esse desconhecimento diminua e as potencialidades de vínculo sejam cada vez maiores.

4- Qual a importância das ferramentas tecnológicas e sociais de comunicação como instrumentos de construção de iniciativas cidadãs e redes de cidadania?

São fundamentais, porque o alcance de uma causa ou interesse defendidos não dependem mais do número de panfletos impressos, da quantidade e locais em que ele será distribuído, as ferramentas tecnológicas e sociais da comunicação facilitam o contato entre indivíduos e temas sociais, políticos etc.

Os abaixo-assinados eletrônicos são um excelente exemplo de como essas ferramentas colaboram com o exercício da cidadania. Já existem iniciativas de criação de aplicativos para telefones celulares que registram reclamações de usuários de serviços públicos, a captação de recursos para projetos culturais por meio de páginas na internet que promovem o *crowdfunding* – financiamento coletivo de iniciativas diversas, é muito provável que sigamos em um ritmo mais acelerado de surgimento de ações como essas.

É válido lembrar que essas ferramentas não substituem a necessidade concreta de se manifestar presencialmente quando a questão assim exige, o povo na rua ainda é a forma mais eficaz de conseguir aquilo que deseja e acredita.

Mais acesso a informação pode levar a uma maior consciência do papel da sociedade e seus cidadãos na construção da evolução do padrão de vida no mundo, desde que siga junto com a adoção de iniciativas que busquem entender esses aparatos tecnológicos como facilitadores de um

processo comunicativo, e não como elementos que estimulam o individualismo e a fuga da realidade concreta que vivemos todos os dias.

REFERÊNCIAS

CENTRO DE ESTUDOS PEIRCEANOS DA PUC-SP. Disponível em www4.pucsp.br/cos/cepe/semiotica/semiotica.htm , Acesso em 30 mar. 2013.

ASSANGE, Julian. Programa **O mundo amanhã**. Journeyman Pictures, Wikileaks, 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HoGyDzFl2ZM> , Acesso em 18 nov. 2013

ATTAC - Disponível em <http://www.attac.org/es> . Acesso em 5 jan. 2014

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992

BAITELLO Jr, Norval . **Corpo e Imagem: comunicação, ambientes, vínculos**. In: Rodrigues, David (Org.) Os Valores e as Atividades Corporais. São Paulo:Summus, 2008 P. 95-112;

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

CAPRA , Fritjof. **Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

Constructores del País. Bogotá/Colômbia: Opción Colombia, 2001.

CORRÊA, E.S. **Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital** - Disponível em <http://obs.obercom.pt>; Acesso em 15 mar. 2012

CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005

DOWNING. John D.H. **Medios radicales: comunicación rebelde y movimientos sociales**. Bogotá/Colômbia: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2011.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1987

El balance social– En busca del equilibrio del país. Bogotá/Colômbia: Opción Colombia, 2001

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GURTVICH, Georges. **Dialéctica e Sociologia**. Lisboa/Portugal: Dom Quixote, 1982.

HOBBSAWN, Eric. **El capitalismo sin sombra**: entrevista (2 jan. 2001). Buenos Aires/Argentina: El Clarín. Entrevista concedida a Claudia Martinez. Disponível em <http://edant.clarin.com/suplementos/zona/2001/12/02/z-00315.htm> . Acesso em 13 jun.2012.

KOPNIN, Pável V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LIMA, Venicio A. de. **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire**. 2ª ed. Brasília, Editora UNB, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura**. Santiago/Chile: Fondo de Cultura Económica, 2003.

MORIN, Edgar . **O Enigma do Homem** – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SÊGA, Christina Pedrazza. **Sociedade e interação: um estudo das diferentes formas de interagir**. Brasília: UNB. 2011

PEREIRA G., José Miguel. BRINGE, Amparo C. (Org.). **Comunicación, desarrollo y cambio social. Interrelaciones entre comunicación, movimientos ciudadanos y medios**. Bogotá/Colômbia: Pontificia Universidad Javeriana. 2011.

PIÑEIRO, Gustavo. A. **Historias reales de redes virtuales**. Bogotá/Colômbia: Grijalbo, 2011

PINSKY, Jaime, PINSKY, Carla (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

SADER, Emir (Org.) - **Gramsci: poder, política e partido**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SANTOS, José F. dos. **Conhecimento e instinto em Peirce e Dewey: uma epistemologia realista e naturalizada**. Revista Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, Volume 4, Número 1 – junho 2007, pg. 60-70

SANTOS, Boaventura.S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. São Paulo: Cortez , 2004.

SANTOS, Milton, **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

TAL - **Televisión de América Latina**. Disponível em <http://tal.tv/> . Acesso em 29 jan. 2012.

Tobin or not Tobin? - Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=672 - Acesso em 5 de jan. 2014.

TRIVINHO, Eugenio. "**Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace**" Artigo apresentado no INTERCOM 96.

WHITAKER , Francisco . "**Rede: uma estrutura alternativa de organização**", Artigo, 1998.

El Muro de Berlín. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0hLUHYkPRAw> – Acesso em 10 dez.2013.

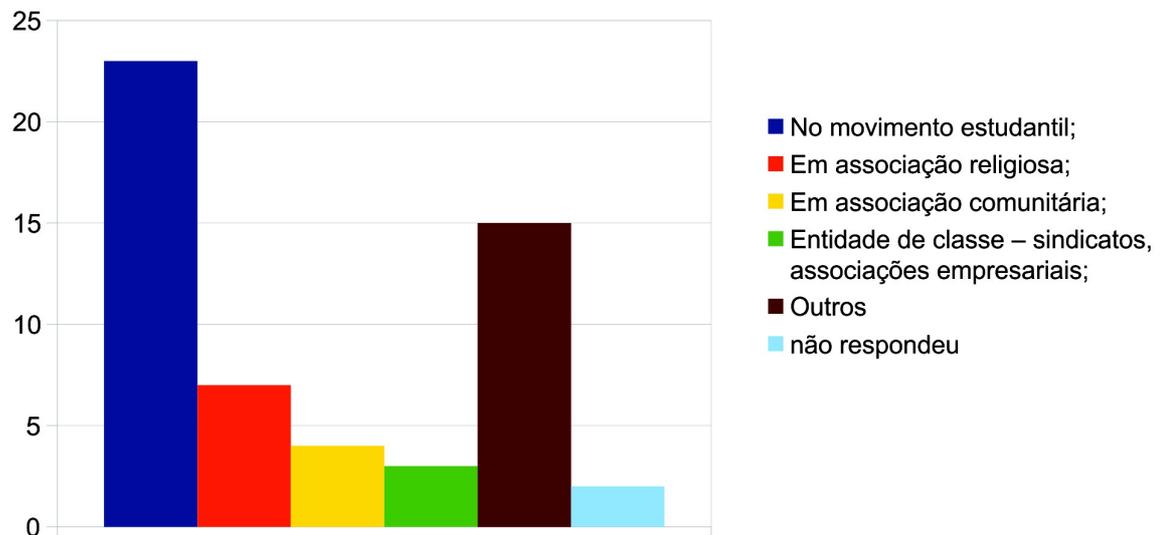
ANEXO 1

GRÁFICOS DA PESQUISA COM LÍDERES DE REDES DE CIDADANIA

Pergunta 1: Estrangeiros

Como iniciou sua participação social?		
	N ^a de respostas	%
No movimento estudantil;	23	42,57
Em associação religiosa;	7	12,95
Em associação comunitária;	4	7,04
Entidade de classe – sindicatos, associações empresariais;	3	5,55
Outros	15	27,76
não respondeu	2	3,79

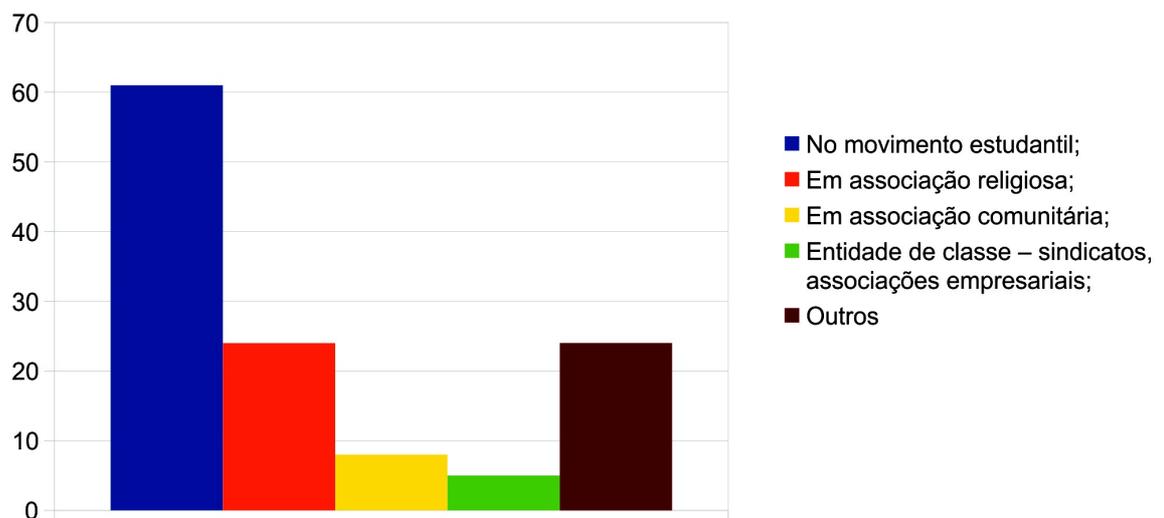
Como iniciou a sua participação social?



Pergunta 1 – Brasileiros

Como iniciou sua participação social?		
	N^a de respostas	%
No movimento estudantil;	61	49,95
Em associação religiosa;	24	19,65
Em associação comunitária;	8	6,55
Entidade de classe – sindicatos, associações empresariais;	5	4,09
Outros	24	19,65

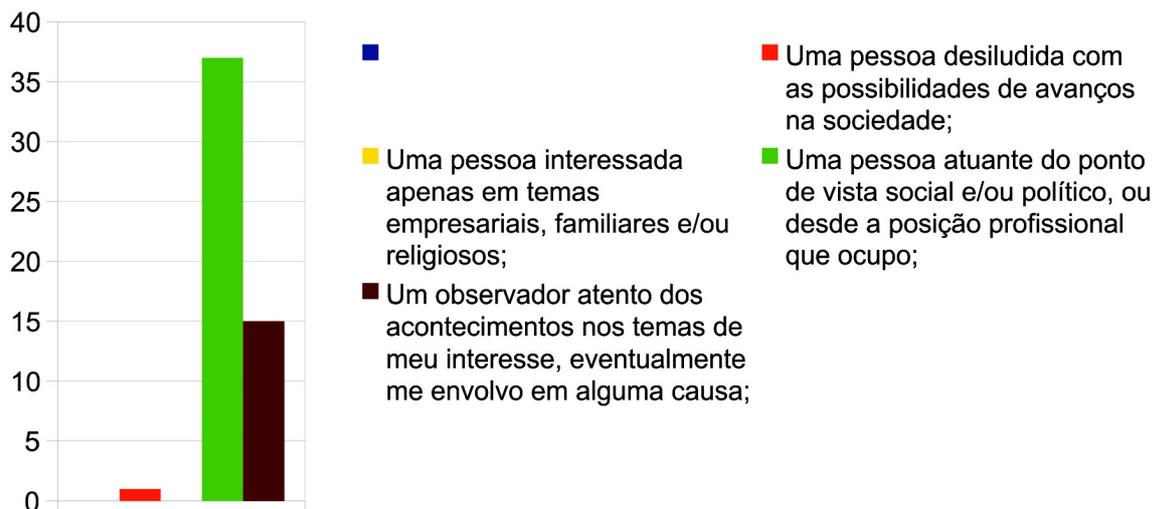
Como iniciou sua participação social?



Pergunta 2 – Estrangeiros

Como você definiria a si próprio atualmente?		
	N ^a de respostas	%
Uma pessoa desiludida com as possibilidades de avanços na sociedade;	1	1,8
Uma pessoa interessada apenas em temas empresariais, familiares e/ou religiosos;	0	0
Uma pessoa atuante do ponto de vista social e/ou político, ou desde a posição profissional que ocupo;	37	68,48
Um observador atento dos acontecimentos nos temas de meu interesse, eventualmente me envolvo em alguma causa;	15	27,76
Outros	1	1,8

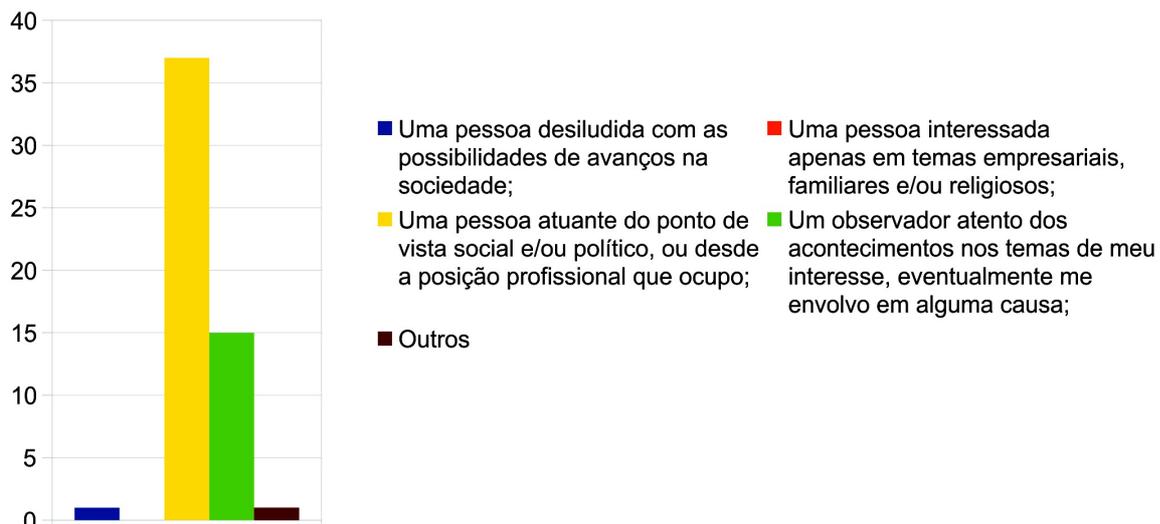
Como você define a si próprio atualmente?



Pergunta 2 – Brasileiros

Como você definiria a si próprio atualmente?		
	N ^a de respostas	%
Uma pessoa desiludida com as possibilidades de avanços na sociedade;	6	4,91
Uma pessoa interessada apenas em temas empresariais, familiares e/ou religiosos;	4	3,27
Uma pessoa atuante do ponto de vista social e/ou político, ou desde a posição profissional que ocupo;	57	46,68
Um observador atento dos acontecimentos nos temas de meu interesse, eventualmente me envolvo em alguma causa;	50	40,95
Outros	5	4,09

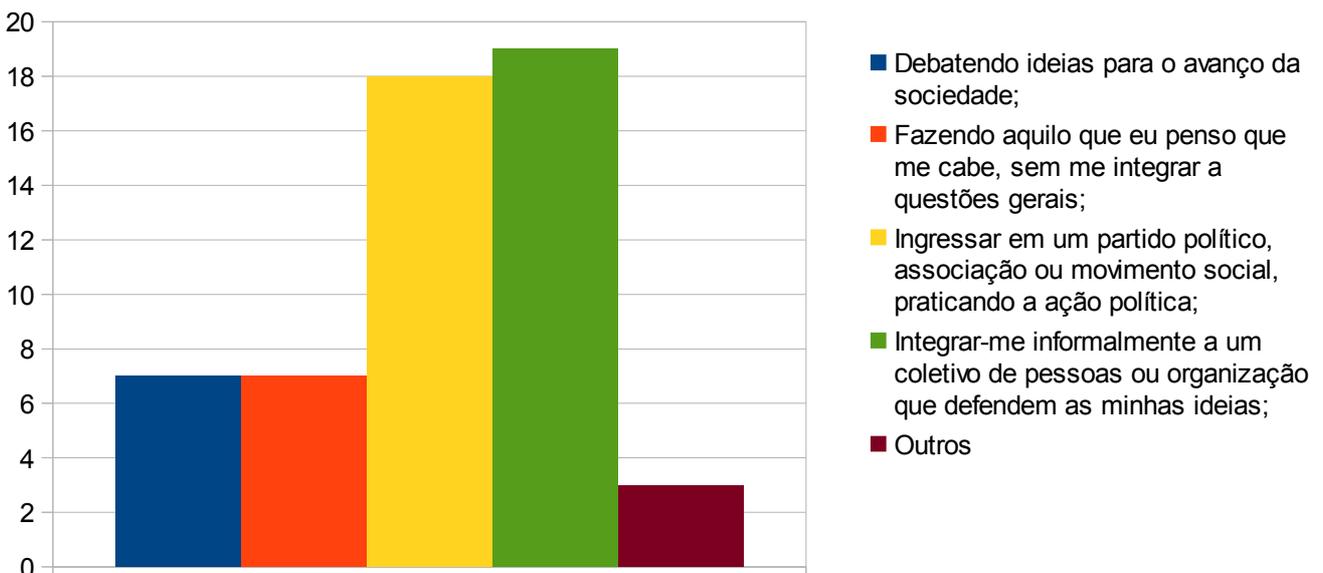
Como você define a si próprio atualmente?



Pergunta 3 – Estrangeiros

Qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?		
	N ^a de respostas	%
Debatendo ideias para o avanço da sociedade;	7	12,95
Fazendo aquilo que eu penso que me cabe, sem me integrar a questões gerais;	7	12,95
Ingressar em um partido político, associação ou movimento social, praticando a ação política;	18	33,31
Integrar-me informalmente a um coletivo de pessoas ou organização que defendem as minhas ideias;	19	35,16
Outros	3	5,55

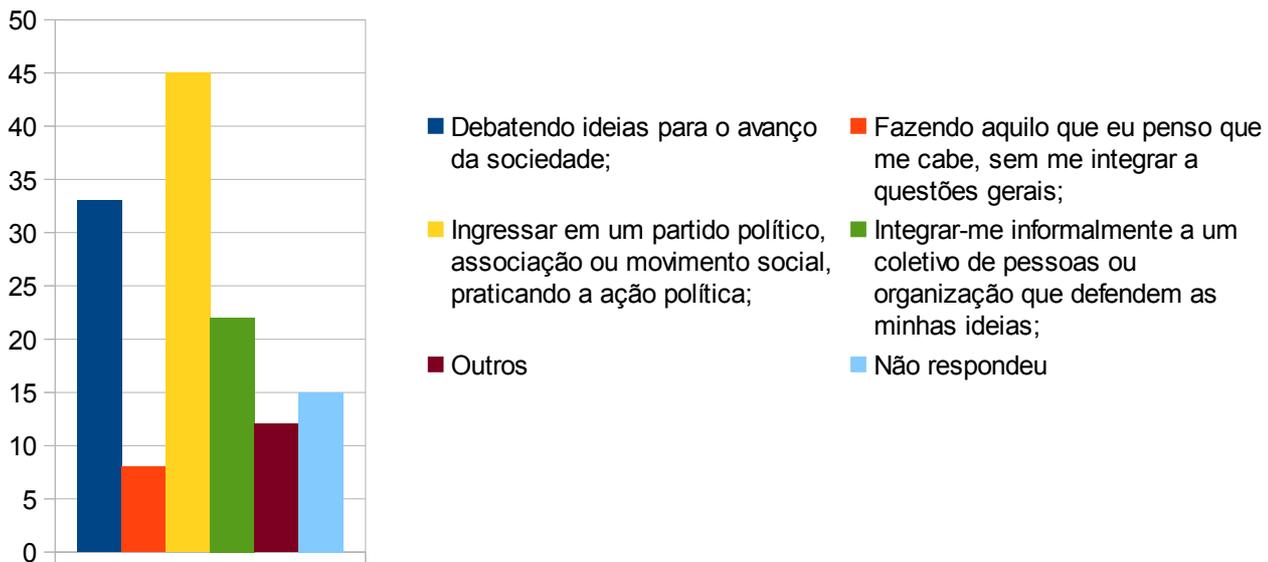
Qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?



Pergunta 3 – Brasileiros

Na sua opinião, qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?		
	N ^a de respostas	%
Debatendo ideias para o avanço da sociedade;	33	27,02
Fazendo aquilo que eu penso que me cabe, sem me integrar a questões gerais;	8	6,05
Ingressar em um partido político, associação ou movimento social, praticando a ação política;	45	36,85
Integrar-me informalmente a um coletivo de pessoas ou organização que defendem as minhas ideias;	22	18,01
Outros	12	9,82
Não respondeu	15	2,45

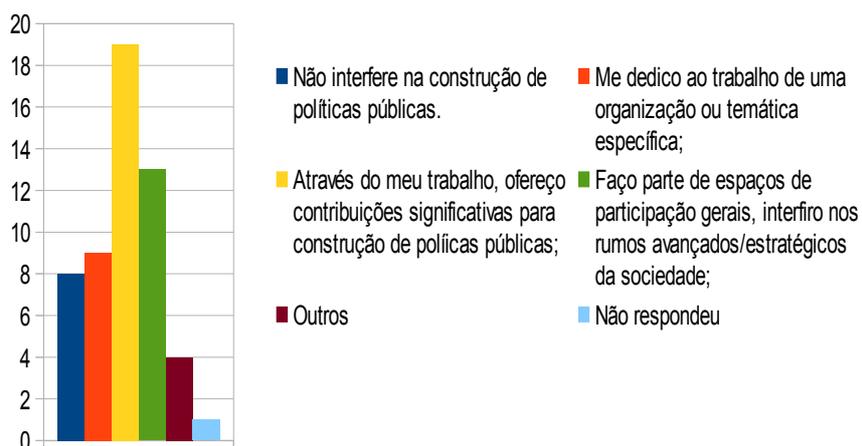
Qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?



Pergunta 4 – Estrangeiros

De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?		
	N ^a de respostas	%
Não interfere na construção de políticas públicas.	8	14,8
Me dedico ao trabalho de uma organização ou temática específica;	9	16,65
Através do meu trabalho, ofereço contribuições significativas para construção de políticas públicas;	19	35,16
Faço parte de espaços de participação gerais, interiro nos rumos avançados/estratégicos da sociedade;	13	24,06
Outros	4	7,04
Não respondeu	1	1,85

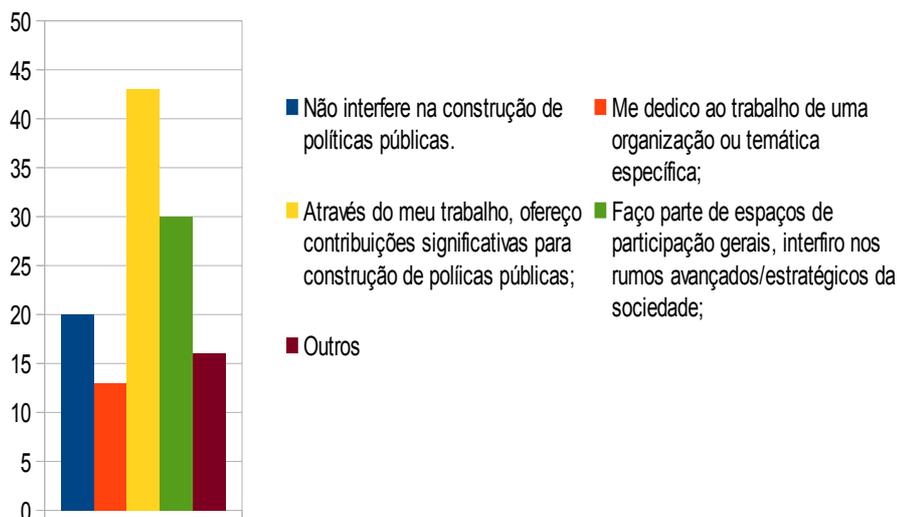
De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?



Pergunta 4 – Brasileiros

De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?		
	N^a de respostas	%
Não interfere na construção de políticas públicas.	20	16,38
Me dedico ao trabalho de uma organização ou temática específica;	13	10,64
Através do meu trabalho, ofereço contribuições significativas para construção de políticas públicas;	43	35,21
Faço parte de espaços de participação gerais, interiro nos rumos avançados/estratégicos da sociedade;	30	24,57
Outros	16	13,64

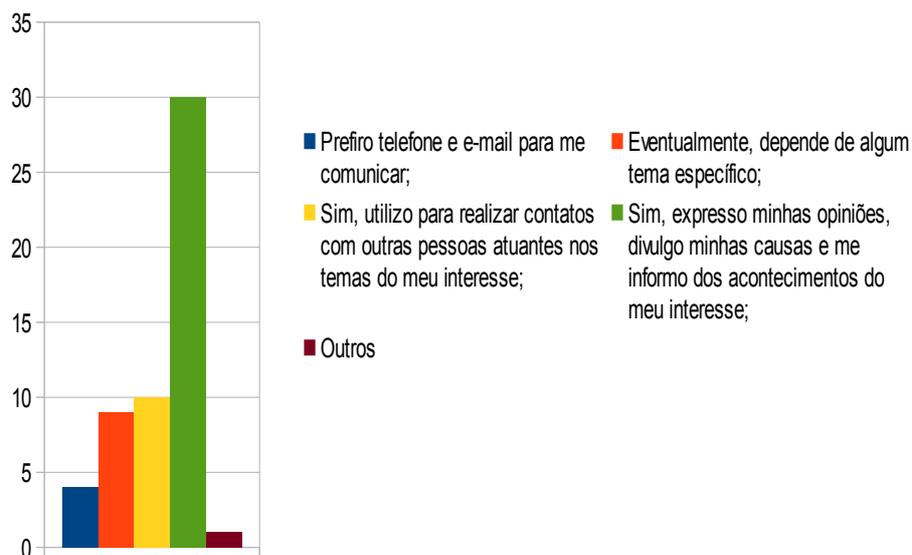
De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?



Pergunta 5 – Estrangeiros

As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, smartphones, tablets, redes sociais; interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?		
	Nº de respostas	%
Prefiro telefone e e-mail para me comunicar;	4	7,04
Eventualmente, depende de algum tema específico;	9	16,65
Sim, utilizo para realizar contatos com outras pessoas atuantes nos temas do meu interesse;	10	18,51
Sim, expresso minhas opiniões, divulgo minhas causas e me informo dos acontecimentos do meu interesse;	30	55,53
Outros	1	1,85

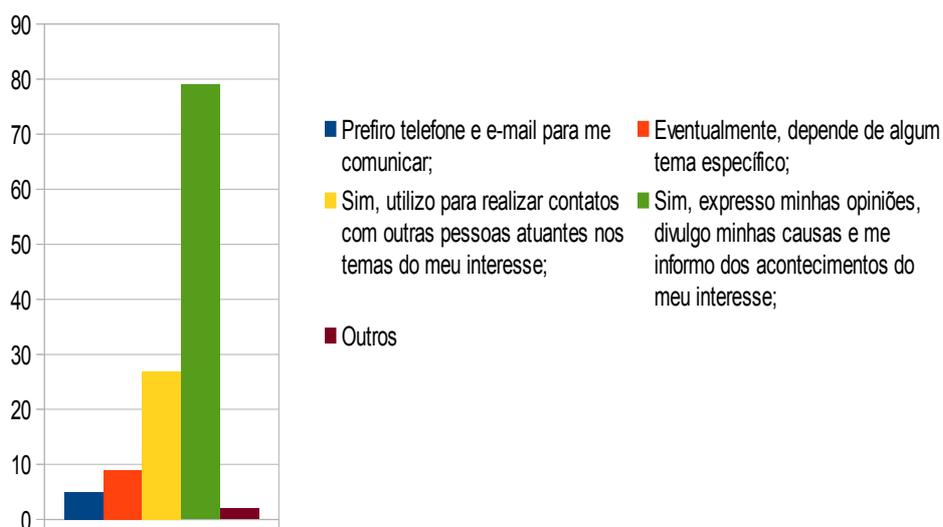
As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?



Pergunta 5 – Brasileiros

As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, smartphones, tablets, redes sociais; interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?		
	Nº de respostas	%
Prefiro telefone e e-mail para me comunicar;	5	4,09
Eventualmente, depende de algum tema específico;	9	8,01
Sim, utilizo para realizar contatos com outras pessoas atuantes nos temas do meu interesse;	27	22,11
Sim, expresso minhas opiniões, divulgo minhas causas e me informo dos acontecimentos do meu interesse;	79	64,7
Outros	2	1,63

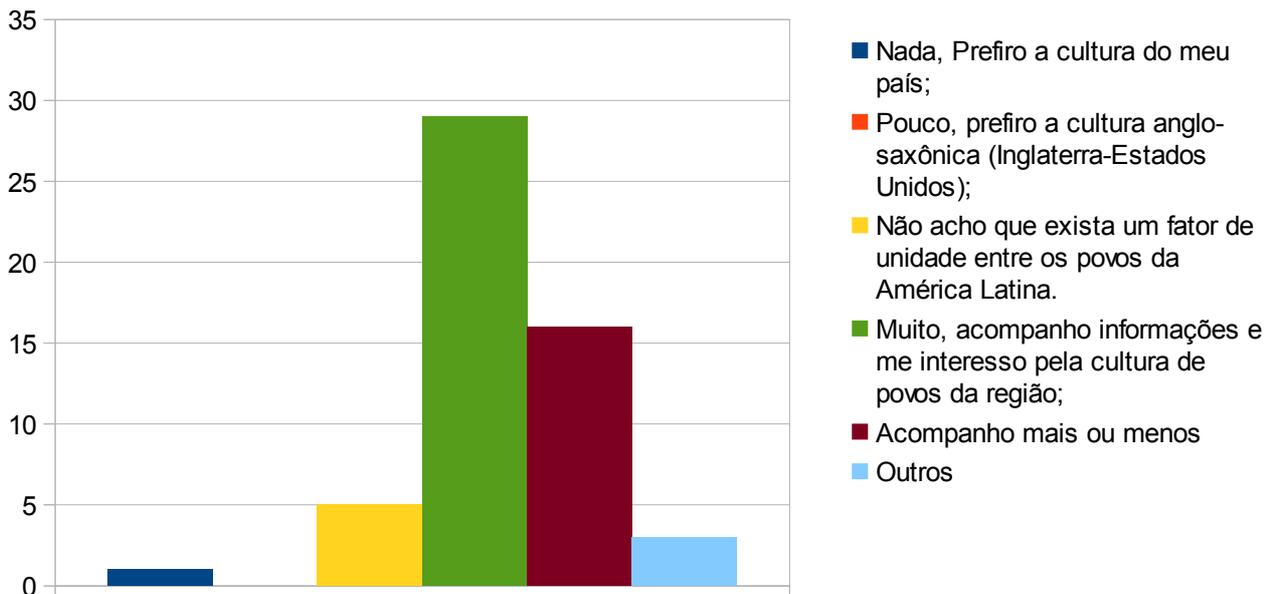
As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?



Pergunta 6 – Estrangeiros

O quanto você se sente latino-americano?		
	Nº de respostas	%
Nada, Prefiro a cultura do meu país;	1	1,85
Pouco, prefiro a cultura anglo-saxônica (Inglaterra-Estados Unidos);	0	0
Não acho que exista um fator de unidade entre os povos da América Latina.	5	9,25
Muito, acompanho informações e me interesso pela cultura de povos da região;	29	53,67
Acompanho mais ou menos	16	29,61
Outros	3	5,55

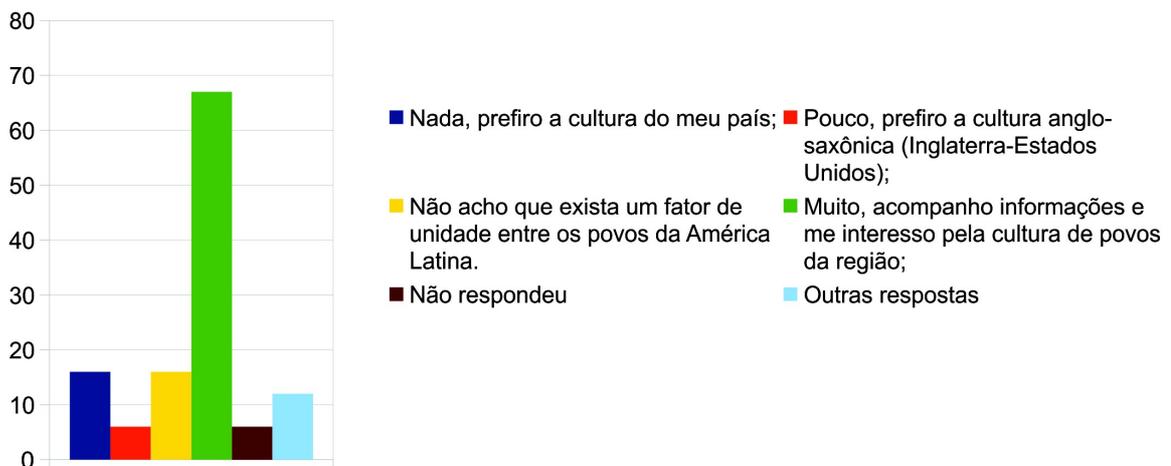
O quanto você se sente latino-americano?



Pergunta 6 – Brasileiros

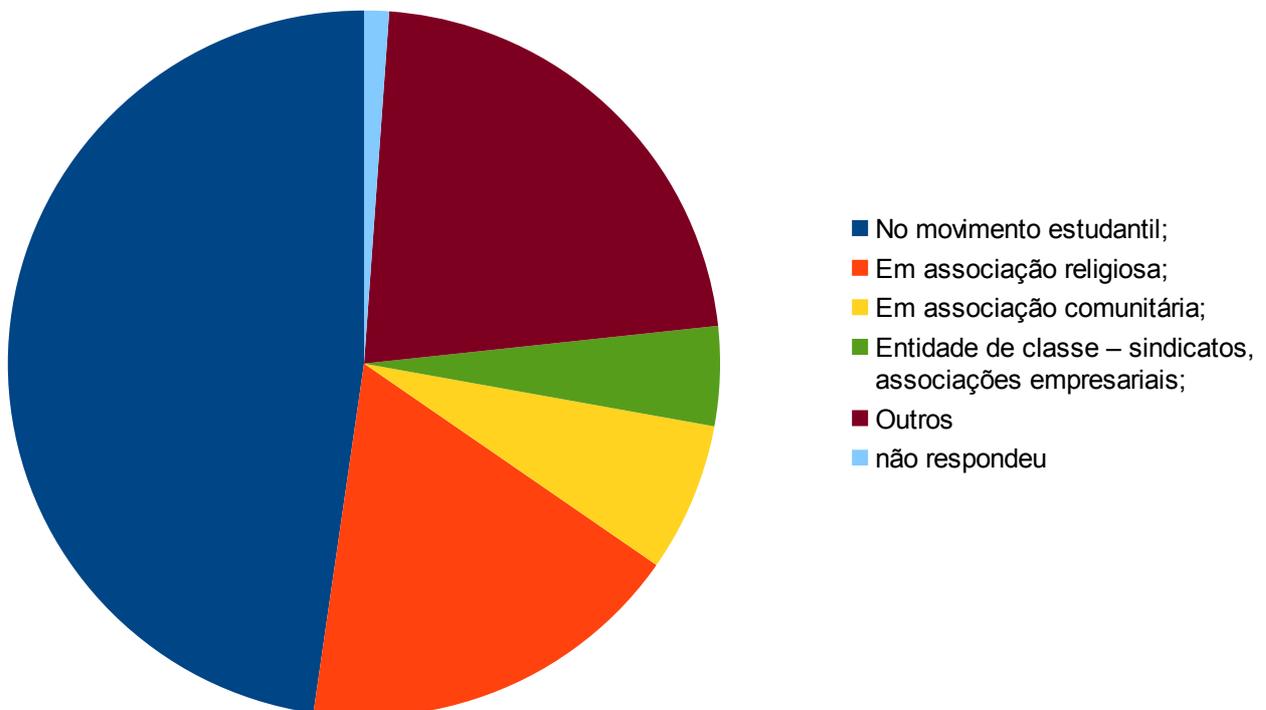
O quanto você se sente latino-americano?		
	Nº de respostas	%
Nada, prefiro a cultura do meu país;	16	13,1
Pouco, prefiro a cultura anglo-saxônica (Inglaterra-Estados Unidos);	6	4,91
Não acho que exista um fator de unidade entre os povos da América Latina.	16	13,1
Muito, acompanho informações e me interesso pela cultura de povos da região;	67	54,87
Não respondeu	6	4,91
Outras respostas	12	9,82

O quanto você se sente latino-americano?



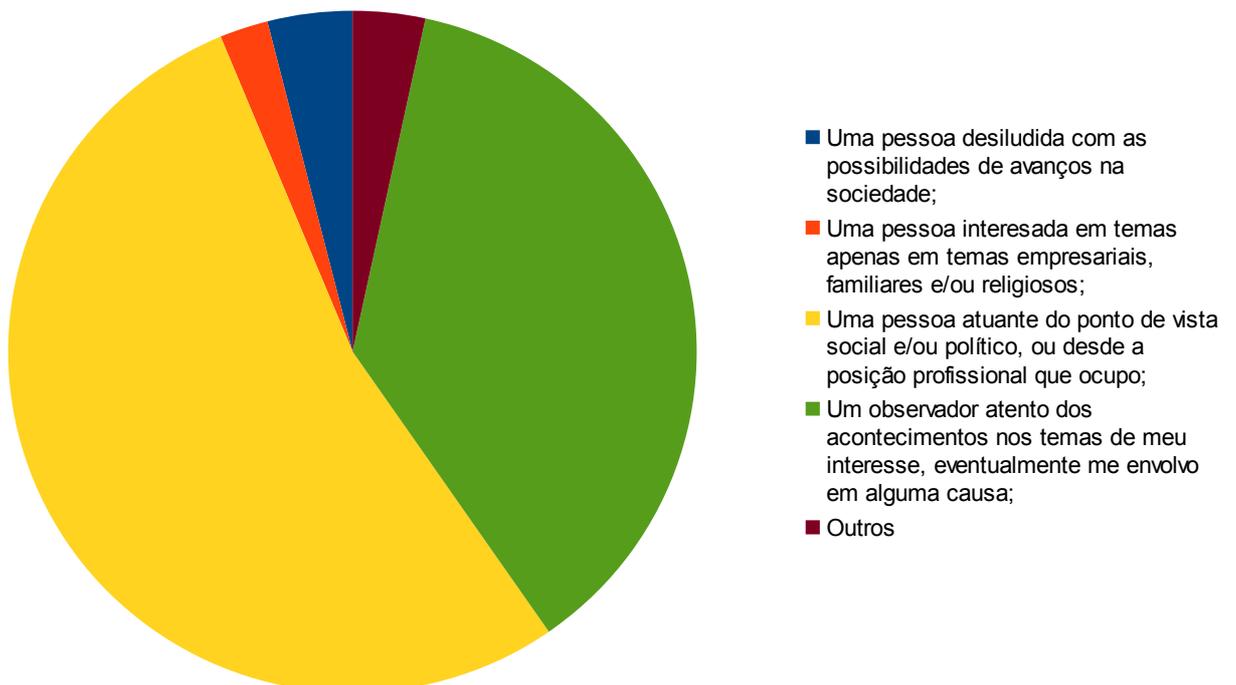
Pergunta 1 – Resultados Gerais

Como se iniciou sua participação social?		
	Nº de respostas	%
No movimento estudantil;	84	47,71
Em associação religiosa;	31	17,6
Em associação comunitária;	12	6,81
Entidade de classe – sindicatos, associações empresariais;	8	4,54
Outros	39	22,15
não respondeu	2	1,13



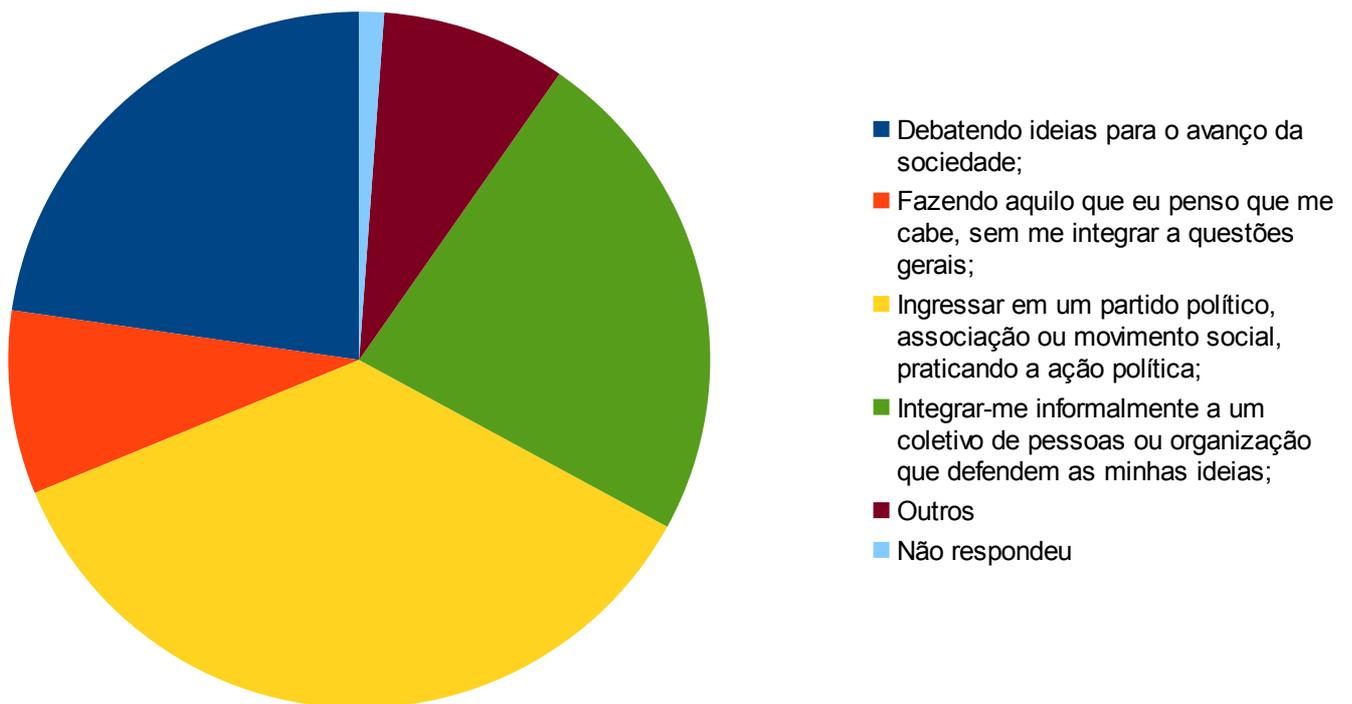
Pergunta 2 – Geral

Como você definiria a si próprio atualmente?		
	Nº de respostas	%
Uma pessoa desiludida com as possibilidades de avanços na sociedade;	7	3,97
Uma pessoa interessada apenas em temas empresariais, familiares e/ou religiosos;	4	2,27
Uma pessoa atuante do ponto de vista social e/ou político, ou desde a posição profissional que ocupo;	94	53,39
Um observador atento dos acontecimentos nos temas de meu interesse, eventualmente me envolvo em alguma causa;	65	36,92
Outros	6	3,4



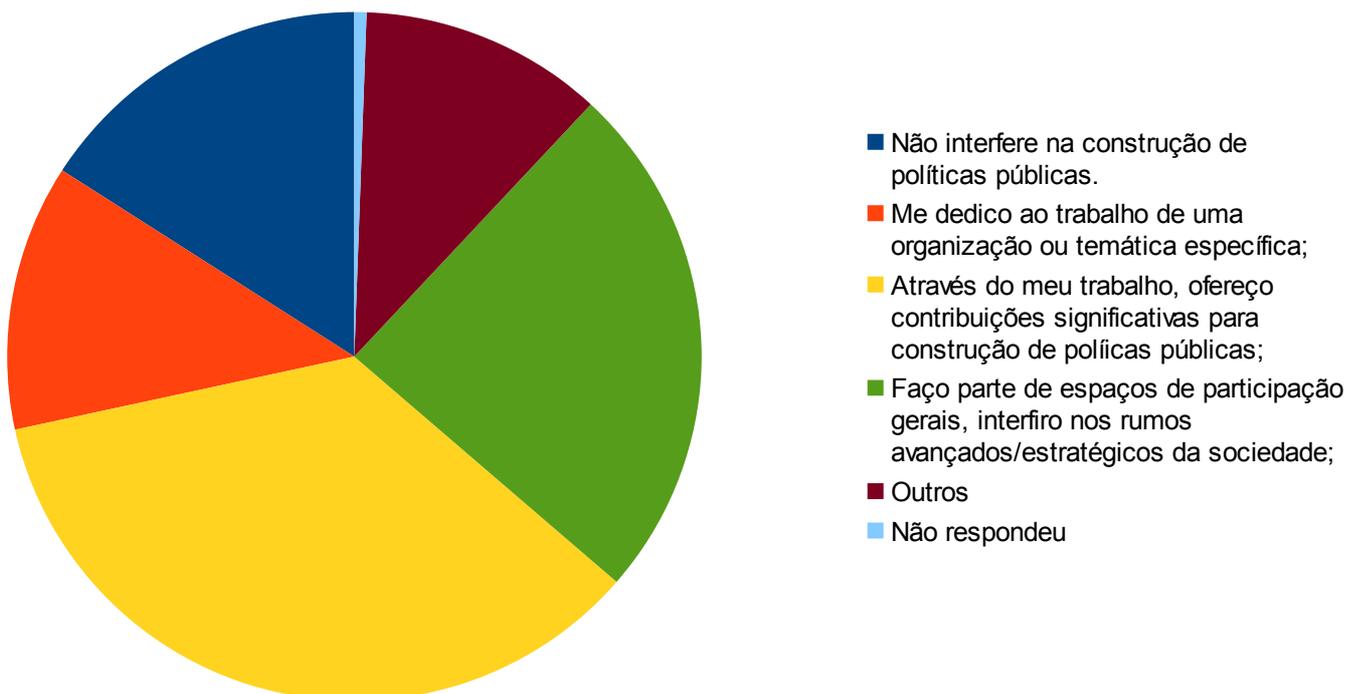
Pergunta 3 – Geral

Qual seria atualmente a melhor estratégia de difusão de ideias e participação social?		
	Nº de respostas	%
Debatendo ideias para o avanço da sociedade;	40	22,72
Fazendo aquilo que eu penso que me cabe, sem me integrar a questões gerais;	15	8,52
Ingressar em um partido político, associação ou movimento social, praticando a ação política;	63	35,78
Integrar-me informalmente a um coletivo de pessoas ou organização que defendem as minhas ideias;	41	23,28
Outros	15	8,52
Não respondeu	2	1,13



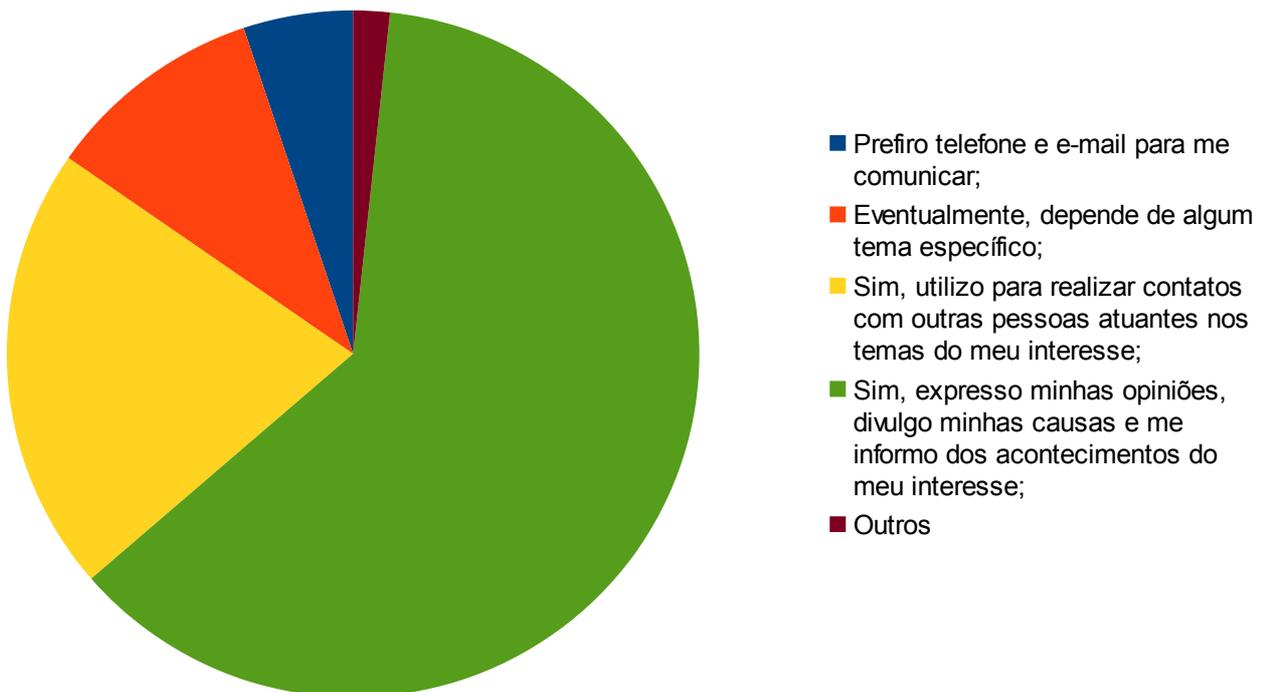
Pergunta 4 – Geral

De que maneira o seu lugar atual de trabalho e/ou participação social interfere na construção de políticas públicas?		
	N ^a de respostas	%
Não interfere na construção de políticas públicas.	28	15,9
Me dedico ao trabalho de uma organização ou temática específica;	22	12,49
Através do meu trabalho, ofereço contribuições significativas para construção de políticas públicas;	62	35,21
Faço parte de espaços de participação gerais, interiro nos rumos avançados/estratégicos da sociedade;	43	24,42
Outros	20	11,36
Não respondeu	1	0,56



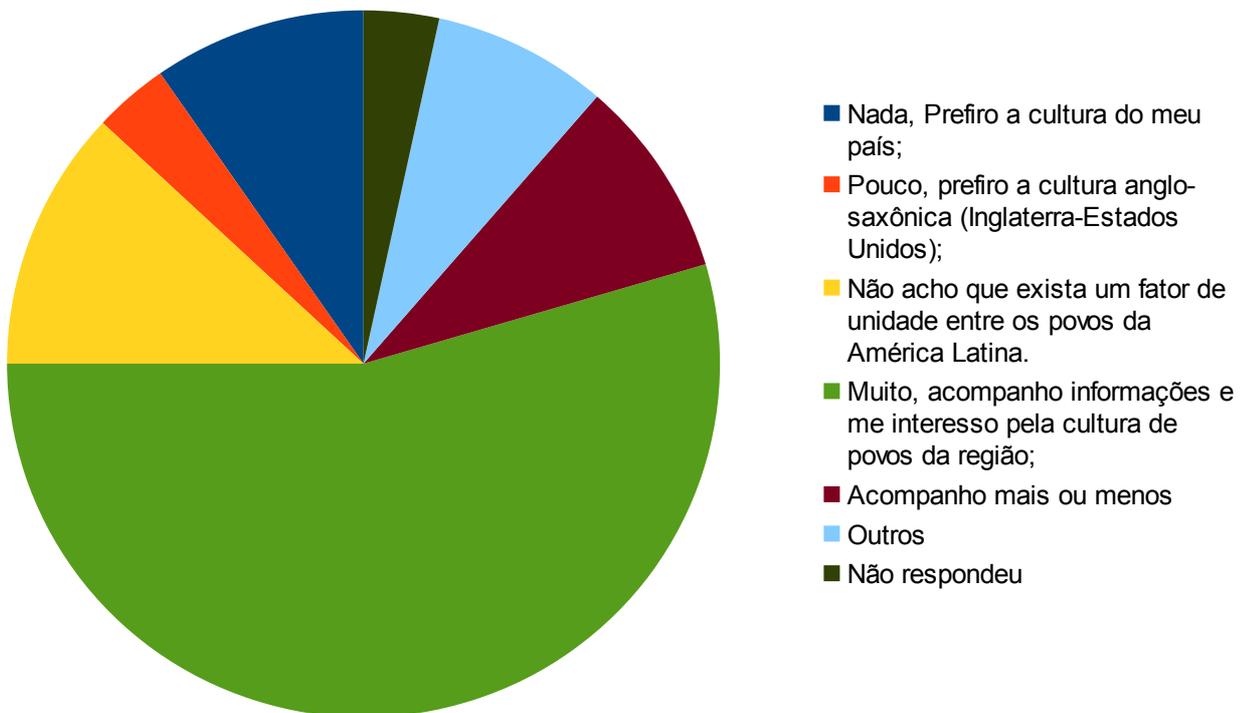
Pergunta 5 – Geral

As redes sociais conectadas, acessadas através dos computadores, smartphones, tablets, redes sociais; interferem ou colaboram no seu exercício de cidadania?		
	Nº de respostas	%
Prefiro telefone e e-mail para me comunicar;	9	5,12
Eventualmente, depende de algum tema específico;	18	10,22
Sim, utilizo para realizar contatos com outras pessoas atuantes nos temas do meu interesse;	37	21,01
Sim, expresso minhas opiniões, divulgo minhas causas e me informo dos acontecimentos do meu interesse;	109	61,91
Outros	3	1,7



Pergunta 6 – Geral

O quanto você se sente latino-americano?		
	Nº de respostas	%
Nada, prefiro a cultura do meu país;	17	9,65
Pouco, prefiro a cultura anglo-saxônica (Inglaterra-Estados Unidos);	6	3,4
Não acho que exista um fator de unidade entre os povos da América Latina.	21	11,92
Muito, acompanho informações e me interesso pela cultura de povos da região;	96	55,66
Acompanho mais ou menos	16	9,08
Outros	14	7,95
Não respondeu	6	3,4

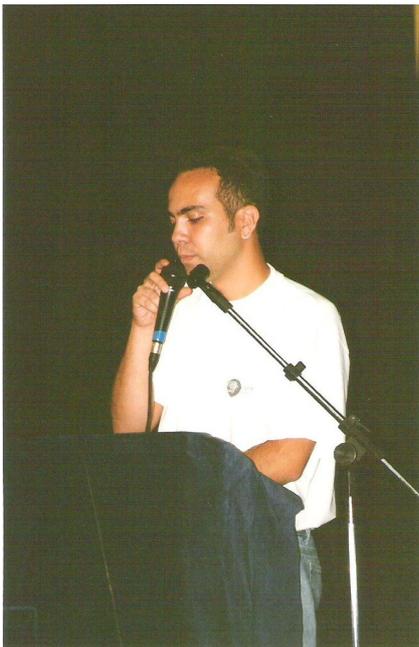


ANEXO 2

FOTOGRAFIAS DA REDE OPCIÓN LATINOAMÉRICA E DA OPÇÃO BRASIL



Maio de 2001 – Cerimônia de 10 anos da Opción Colômbia e visita a projeto na cidade de Cali



Cerimônia de fundação da Opción Brasil, 11 de novembro de 2001, na cidade de São Caetano do Sul, São Paulo





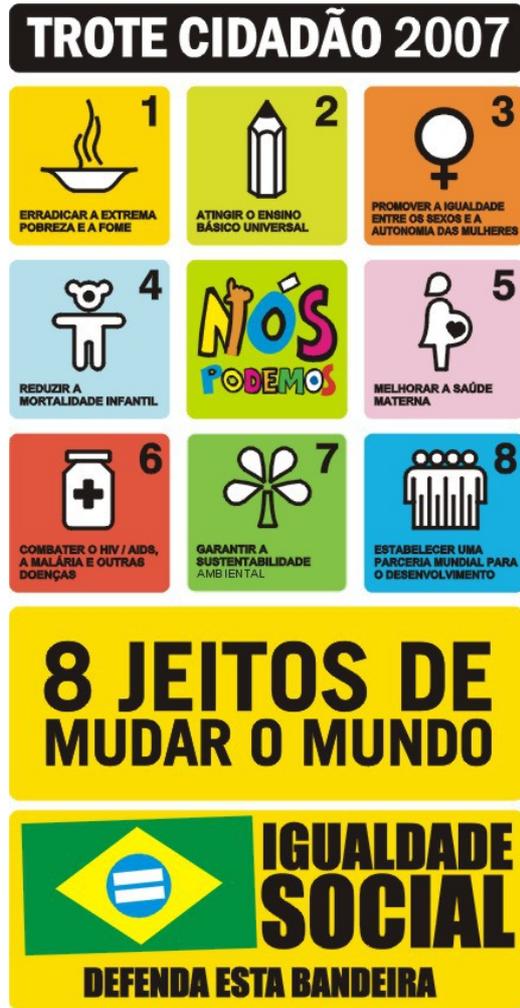
Encontro de Opções Nacionais – Caracas, Venezuela - 2002



Encontro de Opções Nacionais – Santiago, Chile, 2003



Prêmio Desempenho 2004, ABC Paulista



Campanha Trote Cidadão



Equipe Opção Brasil, 2009

Equipe Opción Venezuela, 2007



Circus –
Mostra Estudantil de Arte e
Cultura. São Paulo, 2009



Projeto de formação de jovens Com.Domínio Digital, 2009



Encontro Latino-americano sobre Emprego Juvenil – São Paulo, 2009



Cúpula Mundial sobre Emprego Juvenil - Leksand, Suécia, 2010

Visita de estudantes brasileiros a
Valparaiso, Chile, 2011





Visita de estudantes colombianos ao Brasil, 2011



Apresentação do programa de intercâmbios da Opção Brasil na
Cátedra Latino-americana e Caribenha pela Integração. Bogotá, Colômbia, 2012



Encontro Latino-americano de Cultura Comunitária
La Paz, Bolivia, 2013



Feira Badulaque Cultural – São Caetano do Sul, 2013



Evento “A Cidade e o Jovem”, Universidade Mackenzie, 2014



Sede atual da Opção Brasil, localizada na cidade de São Caetano do Sul